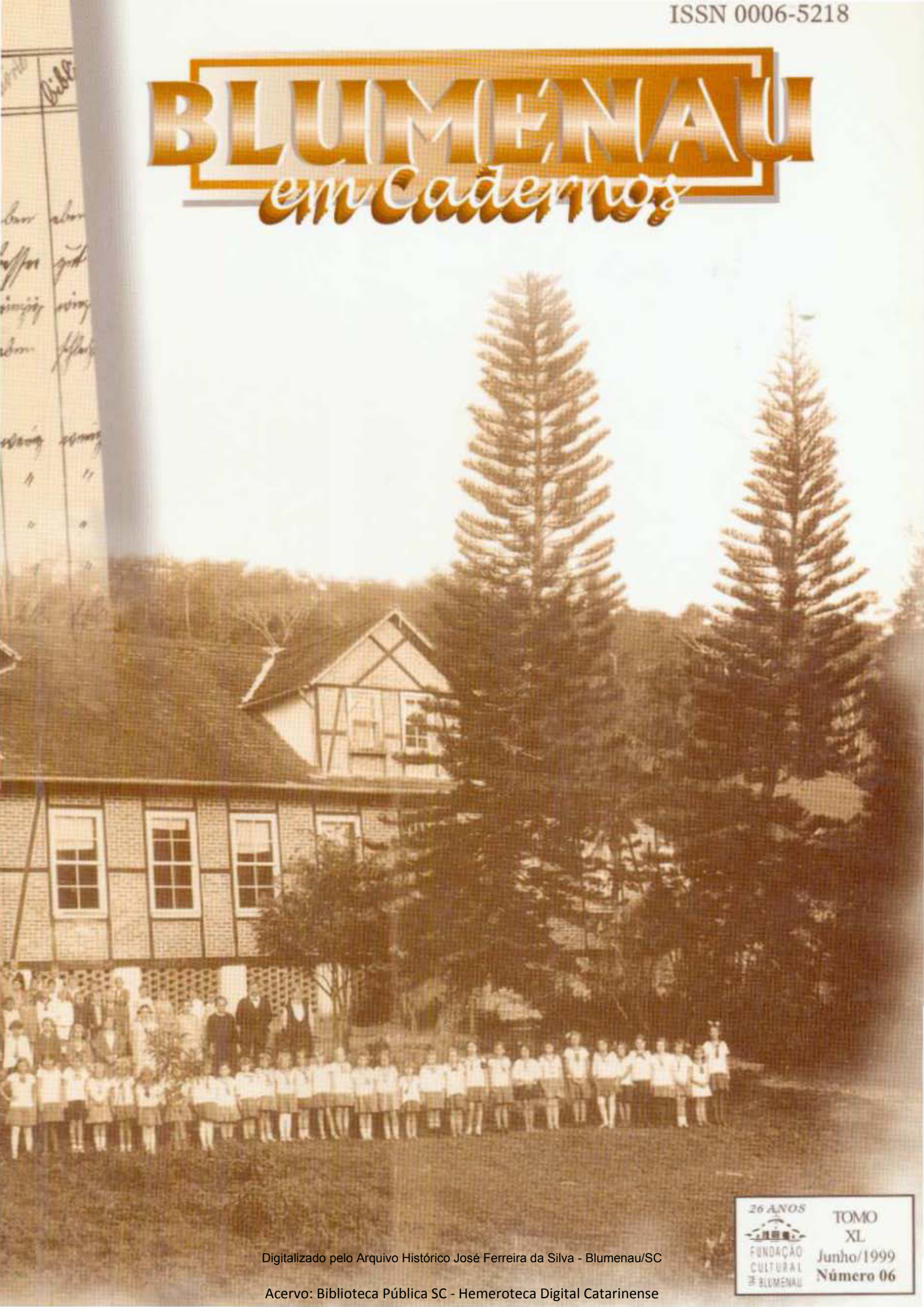
ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos



26 ANOS
FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XL
Junho/1999
Número 06

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente
Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

CULTURA EM MOVIMENTO editora

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

BLUMENAU em Cadernos

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

COPYRIGHT © 1999 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"

ENDEREÇO
Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425
CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC
Fone/fax: (047) 326-6990
E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

CAPA
Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Imagens do Ensino em Blumenau
Boletim Escola Encano Baixo (1895);
Escola Alemã de Altona (1915), Atual E.B.M. Machado de Assis;
Carteiras escolares da E. B. M. Machado de Assis (Anos 30).

DIREÇÃO
Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL
Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

DIGITAÇÃO
Ellen Annuseck

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO
Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA
Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO
Editora Cultura em Movimento
Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Do diário de um redator 07

O minhocão: narrativa do velho Clemente
José Deeke 16

Relatório da Colônia Blumenau sobre o ano de 1874 (Parte 2) 31

A Estrada de Ferro Santa Catarina, na cidade de Gaspar
José Guilherme Vanzuita 48

A respeito dos delicados colibris e dos macacos
Marlon Jason Salomon 40

Meu tipo inesquecível
Urda Alice Klueger 53

O português José da Silva Paes
Theobaldo Costa Jamundá 55

Tito Carbalho: cronista – Variadas
Enéas Athanázio 60

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Documentos Originais
Periódicos

Do diário de um redator

Ao selecionarmos os assuntos para publicação nesta coluna bilíngüe, normalmente estamos empreendendo aquilo que Michael de Certeau chama de "*tarefa do historiador*", pois o próprio ato da escolha deste ou daquele texto pressupõe critérios subjetivos peculiares.

No entanto, o contato com a história de Blumenau, através dos periódicos, nos surpreende a todo instante, revelando facetas e apontando pistas para novas descobertas que permitem ao leitor compartilhar dessa riqueza documental, em grande parte fruto das lembranças e vivências dos imigrantes.

O texto que apresentamos nesta edição foi extraído do jornal "*Blumenauer Zeitung*" de 06 de maio de 1893 e, pelo fato do autor não se identificar, torna-se instigante na medida em que aborda, de maneira singular, detalhes pormenorizados de acontecimentos relacionados à sua chegada e ao cotidiano da vida dos imigrantes na Colônia Blumenau.

Nas interfaces de suas lembranças aparecem dúvidas em relação ao quadro em que encontraria nas colônias alemãs do sul, levando-se em conta que sua única referência era um prospecto propagandístico que mostrava o Brasil como um paraíso.

Interessante destacar também a descrição pormenorizada das suas experiências como redator do jornal "Immigrant" (1883-1893), cuja coleção quase completa, única no Vale do Itajaí, pertence ao Sr. Wigand Persuhn, de Indaial, a quem questionamos na tentativa de desvendar a identidade do autor. No entanto, não foi possível identificá-lo, em função das lacunas em sua coleção.

Tradução: Edith Sophia Eimer.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Aus dem Tagebuche Eines Redakteurs

In welche möglichen und unmöglichen Lagen sich der Mensch in Brasilien hineinfinden muβ, davon hat nur der einen Begriff, der in besseren Verhältnissen sein Dasein in Deutschland fristete und dem eines Tages der Zufall einen jener verlockenden Prospekte in die Hand spielte, die von Auswanderungs-Agenten zu vielen Tausenden verbreitet werden, um möglichst viel Auswanderer anzuwerben für jenes Wunderland, wo Milch und Honig flieβt, wo die allgütige Mutter Natur für den Menschen in so verschwenderischer Weise gesorgt, daβ er kaum die Arme zu bewegen braucht und doch in wenig Jahren ein reicher Mann werden kann. Oh, wenn nur die kleinere Hälfte jener Verheiβungen wahr ist, dann kann es nicht fehlen, daβ ein fleiβiger Jüngling in den zwanziger Jahren in einer kurzen Spanne Zeit sein Glück machen muβ! Und wer wollte die herrlichen Schilderungen des südamerikanischen Paradieses bezweifeln?

So faβte denn auch ich eines Tages den Entschluβ, die Reise über den Ocean anzutreten, um mein Glück in der deutschen Niederlassung Simmelsammelsurium zu suchen, über die mir ein Prospekt von einem Freunde überreicht wurde; es sollte ein herrlicher Blumengarten inmitten des brasilianischen Urwaldes sein, von Jahrtausende alten Baumriesen umgeben, auf denen lustige Affen sich tummelten und in deren Schatten vergnügte Geschöpfe der brasilianischen Fauna ihr heiteres Wesen trieben. Auch der Urmensch ist noch anzutreffen, der gleich Adam und Eva sich zwar nicht des Feigen, aber des Pisangblattes als einzigster Bekleidung bedient. Und die herrliche Illustration auf dem Prospekt, wo im Schatten der Bananenstaude der Indianer, mit Pfeil und Bogen bewaffnet, deren Frucht verspeist, die Hugo Zöller als ein göttliches Butterbrod preist! Diese Niederlassung muβte nach all den Schilderungen ein Paradies in der vollsten Bedeutung des Wortes sein.

Ich ordnete schnell meine Angelegenheiten, brachte meine Papiere in Ordnung und rüstete mich für die Reise, welche Ende September angetreten werden sollte. Die Stunden wurden mir zu Tage, die Tage zu Wochen, die Wochen zu Monate. Endlich, endlich traf ein Brief von dem Hamburger Dampffchiffs-Agenten ein, daβ der Dampfer "Nimmerwiedersehen" am 25. in See stechen und bis zum Hafen S. Francisco gehen werde, wo die schöne Stadt gleichen Namens liege. Nur noch wenige Tage trennten mich von der Abfahrt, wenig Wochen von der Landung im Wunderland Brasilien!

Unsere Reise ging verhälltnismäβig gut von Statten, ohne bemerkenswerte Zwischenfälle langten wir nach genau 31 Tagen im Hafen von S.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Do diário de um redator

No Brasil é preciso se adaptar a situações possíveis e impossíveis e isto só pode ser avaliado por alguém que viveu em melhores condições na Alemanha, e em cujas mãos o destino colocou os prospectos tentadores, distribuídos aos milhares, por agentes de imigração, a fim de atraírem um grande número de imigrantes para esta terra onde corre leite e mel e, onde a mãe natureza cuida tão prodigamente de seus filhos, que mal precisam mover seus braços, e ainda assim em pouco tempo poderão tornar-se ricos. Oh, se apenas uma pequena parte destas promessas fosse verdade, então nada mais faltaria a um jovem de aproximadamente vinte anos, para ter sucesso e ser feliz. E quem iria duvidar da maravilhosa descrição deste paraíso sul-americano?

Assim, também eu certo dia tomei a decisão de empreender a viagem através do oceano, a fim de procurar minha felicidade na colonização alemã, sobre a qual um amigo havia me entregue um prospecto. Deveria ser um maravilhoso jardim de flores em meio à floresta brasileira, circundado por árvores milenares, em cujas sombras vivem alegremente criaturas da fauna brasileira, e onde os macacos brincam em seus galhos. O homem primitivo ainda se faz presente, mas ao invés de usar a folha de parreira de Adão e Eva como vestimenta, usa a folha de bananeira. E a magnífica ilustração do prospecto, mostra o índio armado com arco e flecha à sombra da bananeira comendo seu fruto, considerado por Hugo Zöller, como um pão divino. Pela descrição, esta colonização deveria ser um paraíso na verdadeira concepção da palavra.

Resolvi rapidamente todos os meus assuntos, coloquei em ordem meus documentos e preparei-me para a viagem, que deveria acontecer em fins de setembro. As horas passaram a ser dias, os dias, semanas e as semanas, meses. Finalmente chegou uma carta do agente da Companhia de Navegação Hamburguesa, informando que o vapor "Nimmerwiedersehen"[1], zarparia no dia 25 até o porto de São Francisco, onde estaria localizada a bonita cidade do mesmo nome. Faltavam apenas alguns dias

[1] N.T.: "Para nunca mais".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Francisco an. Wie ein aus einem schönen Traum Erwachender stand ich enttäuscht auf dem Deck des Dampfers; anstatt der schönen Stadt bot sich meinen betrübten Blicken ein elendes Fischerdorf dar. Oh, wie war ich enttäuscht, wo blieben alle die schönen Illusionen, die Pläne, die ich entworfen? Nichts, gar nichts war von dem zu sehen, was der Prospekt über S. Francisco sagte. Und wie mochte es da erst um den Blumengarten bestellt sein, der mitten im Urwalde liegen sollte? Ich malte mir eine trübe Zukunft aus, trüber vielleicht als sie werden sollte.

Wir wurden in einer sogenanten Eiwandererherberge, einem langen in eine Menge kleiner Räume eingeteilten Schuppen, untergebracht. Wie es in diesen Herbergen aussieht und zugeht, brauche ich nicht zu schildern, denn die Mehrzahl meiner Leser kennt sie aus eigener Erfahrung. Ich war daher äußerst froh, als mir eines Morgens der "Herbergsvater" die Kunde brachte, daß ich heute mit dem Dampfer "Lagune" die Weiterreise nach Simmelsammelsurium anzutreten hätte. Außer mir waren es noch einige zwanzig Reisegenossen, die ebenfalls für dasselbe Reiseziel bestimmt waren. Nach 4 Uhr Nachmittags verließen wir S. Francisco und langten Nachts 11 Uhr im Hafen von Jahy an. Der Kapitän des Dampfers schien ein schlauer Patron zu sein, denn er richtete seine Fahrten so ein, daß er die Passagiere nicht zu beköstigen brauchte. Im Laufe der Zeit erzielt er aus dieser "Sparsamkeitsmaßregel" ein erkleckliches Taschengeld. Stadt und Hafen von Jahy haben ihren Namen von dem Fluß, an dem erstere liegt.

Unser Aufenthalt in Itajahy währte nicht lange, denn schon am andern Morgen früh beförderte uns der kleine Dampfer "Fortschritt" nach Simmelsammelsurium weiter, wo wir am Nachmittag desselben Tages anlangten. Dank dem traurigen Eindruck, den Francisco auf mich gemacht hatte, war meine Enttäuschung nicht so groß, als sie infolge der übertriebenen Schilderungen eigentlich hätte sein müssen. Ich befand mich hier wenigstens unter gebildeten Menschen, und zwar Deutschen, mit denen man verkehren und von denen man sich belehren lassen konnte. Mit dem schnellen Reichwerden, ohne zu arbeiten, war es allerdings nichts, aber ich hatte doch immerhin ein kleines Kapital mitgebracht, mit dem ich mir bei vernünftiger Anlage eine anständige Existenz gründen konnte.

Nachdem ich mich mehrere Wochen in Blumenau befand, machte ich die Bekanntschaft eines Herrn, der mir sehr zuvorkommend und liebenswürdig entgegenkam. Leider erfuhr ich zu spät daß er nicht im besten Ansehen stand. Ich legte eine Cigarrenfabrik an, das Geschäft ging flott, mein Kompagnon ex-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

para a partida e, para o desembarque na maravilhosa terra brasileira, somente algumas semanas.

Fizemos uma viagem regularmente boa e chegamos a São Francisco sem maiores contratempos, exatamente após trinta e um dias. Eu estava no convés, decepcionado, como que desperto de um sonho maravilhoso, pois ao invés de uma cidade bonita apresentava-se aos meus olhos uma miserável aldeia de pescadores. Oh, como eu estava frustrado! Onde ficaram todas as ilusões e os planos que eu traçara? Nada, absolutamente nada se via do que o prospecto falava de São Francisco. E como seria então o jardim em meio à floresta? Eu vislumbrei um futuro triste, talvez pior do que o real.

Fomos acomodados num chamado galpão dos imigrantes. Era comprido e com muitas divisórias. Não preciso descrever como são e nem o que acontece lá, porque a maioria dos meus leitores os conhecem por experiência própria. Portanto, fiquei satisfeito quando certa manhã o "pai do albergue" deu a notícia de que eu deveria seguir com o vapor "Laguna" para "Simmelsammelsurium" – Blumenau. Além de mim mais vinte companheiros haviam sido escolhidos para o mesmo destino. Deixamos São Francisco depois das quatro horas da tarde e chegamos em Itajaí às onze horas da noite. O capitão do navio parecia ser um homem esperto, pois ajeitava o transporte dos passageiros de forma que não precisasse alimentá-los. Ele economizava uma razoável quantia de dinheiro com esta "medida de economia". A cidade e o porto têm o nome "Itajaí". É o nome do rio, no qual a primeira está localizada.

Nossa permanência em Itajaí não demorou muito, pois já na manhã seguinte bem cedo o pequeno vapor Progresso nos transportou para Blumenau, onde chegamos à tarde do mesmo dia. Graças à triste impressão que tive de São Francisco, minha decepção não foi tão grande como deveria ter sido, em função da propaganda exagerada que fizeram da mesma. Aqui, pelo menos me encontrava entre alemães e pessoas cultas, com as quais eu poderia manter relações e pedir orientações. Mas não era bem assim este negócio de ficar rico sem trabalhar. Contudo, eu possuía um pequeno capital, com o qual poderia ter uma sólida existência, desde que o aplicasse bem.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

portierte die Cigarren, beschaffte den Tabak und als wir nach einem Jahre abrechneten, war Haus, Hof und Fabrik in dem Besitz meines Kompagnons geraten! Ich war neben meiner Arbeit auch meine Groschen los. – Oh, wie habe ich an diesem Tage den Augenblick verwünscht, an welchem ich den Entschluβ faβte, nach Simmelsammelsurium auszuwandern! Doch was war zu machen?

Eine Explorationskommission machte die Vorstudien für den Bau einer Eisenbahn; mehrere dabei beschäftigte Freunde machten mich mit dem Chef der Komission, Baptista – bekannt und dieser Herr gab mir sofort lohnenden Verdienst, indem er mich im Büreau für die schriftlichen Arbeiten beschäftigte.

Aber die Gesellschaft machte bankerott, die Arbeiten wurden eingestellt und ich war wieder ohne Beschäftigung. Da eines Tages suchte mich Herr Baptista in meiner Wohnung auf und teilte mir mit, daβ er gemeinschaftlich mit seinem Freunde Bullenbeiβer und noch einigen Anderen eine Zeitung herauszugeben beabsichtige; er habe stets meiner gedacht und mich daher zum Redakteur vorgeschlagen. Obwohl ich Universitätsstudien gemacht habe, weigerte ich mich anfangs, diese verantwortungsvolle Stellung zu übernehmen, lieβ mich jedoch schlieβlich dazu bewegen, da mir Herr Baptista erklärte, die Sache sei gar nicht so gefährlich, als sie aussehe, zudem würden sie mich alle unterstützen, die ganze Parteigruppe sei intelligent, besonders aber könne ich auf Freund Bullenbeiβer zählen, der sich auf dem Felde der Journalistik schon manche Lorbeern erworben.

So trat ich denn meinen Redakteurposten an und machte die bittersten Erfahrungen, die je einem Sterblichen zu Teil geworden. Der erste Stein des Anstoβes war der, daβ die Herren den Setzer mit 70 Milreis monatlich besoldeten, während ich nur 50 bekam. Auf meine diesbezüglichen Vorstellungen erhielt ich das Versprechen der Gehaltsaufbesserung, sobald sich nur erst Abonnenten für das Blatt gefunden hätten. Da ich nun Redakteur des Blattes, "Einwanderer" genannt war, glaubte ich natürlich auch die Verpflichtung übernommen zu haben, etwas schreiben zu müssen. Das sei für die erste Nummer nicht nötig, erklärte mir Herr Bullenbeiβer, es sei für dieselbe schon genug "Stoff" vorhanden. Das war Punkt zwei, der mir nicht gefiel, denn es wäre doch nötig gewesen, mich beim Publikum einzuführen. Meine darauf bezügliche Frage wurde dahin beantwortet, daβ ich in der ersten Nummer noch nicht als Redakteur figuriere; man habe am Kopfe des Blattes einen kleinen Raum gelassen, um da bei den folgenden Nummern meinen Namen hineizuschieben, die Hauptsache sei, daβ ich bei der kompetenten Behörde als "Verantwortlicher" eingetragen wäre. Diese Bemerkungen machten mich stutzig, es schien mir, als

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Após algumas semanas em Blumenau, conheci um senhor, que veio ao meu encontro com solicitude e gentileza. Lamentavelmente soube apenas muito tarde que as pessoas não simpatizavam com ele. Juntos instalamos uma fábrica de charutos e o negócio andava bem: meu companheiro conseguia o tabaco e exportava os charutos. Após um ano quando prestamos contas, a casa, o terreno e a fábrica haviam passado às mãos do meu sócio. Além de perder meu trabalho, também havia perdido meu dinheiro. Oh, como naquele dia amaldiçoei o momento em que decidi imigrar. Mas o que fazer?

Uma comissão fazia os estudos primários para a construção de uma ferrovia, e alguns amigos que lá trabalhavam, apresentaram-me ao senhor Batista, chefe da comissão. Este logo me empregou para os serviços burocráticos. Mas a sociedade foi à bancarrota, os trabalhos suspensos, e eu novamente desempregado. Certo dia o senhor Batista me procurou em minha residência, comunicando-me que ele e seu amigo "Bullenbeisser" e mais algumas outras pessoas, pretendiam publicar um jornal, e que sempre se lembrava de mim e por isso queriam nomear-me como redator. A princípio relutei em aceitar este cargo de tanta responsabilidade, mesmo tendo feito estudos universitários, mas por fim cedi. O senhor Batista explicou que não era tão difícil como parecia, além de tudo, todos me apoiariam, pois os integrantes do partido eram inteligentes, explicando-me que poderia contar especialmente com o senhor "Bullenbeisser", o qual já havia colhido louros no jornalismo.

Desta forma iniciei meu trabalho de redator e fiz as mais amargas experiências que um mortal poderia fazer. A primeira pedra no caminho foi o fato de que os tipógrafos ganhavam 70 mil réis por mês e eu apenas 50 mil réis. Quando reclamei a este respeito, recebi a promessa de que meu ordenado seria melhorado, tão logo houvessem assinantes do jornal. Já que eu era o redator do jornal "Imigrant" pensei que tivesse a obrigação de escrever alguma coisa. Mas o senhor "Bullenbeisser" me disse que não seria necessário, pois já havia matéria suficiente para o primeiro número. Esta foi a segunda coisa da qual não gostei. Achei que seria necessário apresentar-me ao público. Minha pergunta relativa a isto foi respondida, pois no primeiro número eu ainda não constava como re-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ob die Herren eines Prügeljungen bedurften, dessen Rolle zu spielen ich aber wenig Lust verspürte.

Die erste Nummer des "Einwanderer" wurde mit allgemeinem Kopfschütteln aufgenommen; der Inhalt war den Bewohnern Simmelsammelsuriums nicht recht verständlich, das Blatt fand keine gute Aufnahme, mit der Gehaltszulage sah es also vorläufig noch sehr faul aus.

Mit Nummer 2, die nun schon unter meiner Verantwortung erschien, ging es mir ebenso wie mit Nummer 1; es müsse ein polizeiliches Verhör über die Ermordung des Herrn Kükel, eines braven Genossen, veröffentlicht werden und da sei für mich kein Raum verfügbar. Nur mit Mühe vermochte ich meine Erregung zu beherrschen. Die Vermutung mit dem Prügeljungen schien ihre Richtigkeit zu haben. Betreffs Nummer drei sagte ich nichts. Nummer vier hatte große Schwierigkeiten; wir sahen mit Schrecken, daß die Druckerschwärze verbraucht war: Herr Bullenbeißer war rein aus dem Häuschen, er lief wie ein Besessener von Pontius zu Pilatus, aber damit hatten wir keine Schwärze. Schließlich mußte sich der Drucker mit – Stiefelwichse und Ricinusöl behelfen. Herrgott, waren das Tage und welcher Druck mit einem e geschrieben! Uebrigens soll jene Nummer ein ausgezeichnetes Mittel gegen Verstopfung sein.

Für Nummer fünf hatte ich eine längere Abhandlung über Seifenfabrikation geschrieben und den Schwindel aufgedeckt, daß ein Fabrikant eine größere Sendung Seife zurückbekommen, weil man herausgefunden, daß sie mit Ton vermischt sei. Mein Artikel wurde den Händen des Setzers übergeben, im Geiste malte ich mir schon das Aufsehen aus, das er erregen würde. Aber mit des Geschickes Mächten ist kein ewiger Bund zu flechten. Als Herr Bullenbeißer die Korrektur durchsah, nahm er den Rotstift und durchstrich das Produkt meiner Muße. Heraus mit dem Zeug! Sagte er zum Setzer. Das war denn doch zu viel. Redakteur sein und nichts schreiben dürfen, das tue wer da wolle, ich nicht. Mit diesen Worten verließ ich die Druckerei, arbeitete aber noch für Nummer sechs einen Artikel über die Pflichten eines Kirchenvaters aus. Diesem widerfuhr das Schiksal des vorigen. Da man mich bei Nummer sieben sogar noch zum Laufburschen machen wollte und mir die Austragung der wenigen Exemplare aufhalste, ich aber nicht mehr länger als Prügeljunge dienen will, habe ich beschlossen, diesem Redakteurs Dasein ein baldiges Ende zu machen.

Wenn ich nun auch in dieser Kurzen Zeit manche Entäuschung erfahren, so war es doch auch eine Lehrreiche, denn ich hatte die Gelegenheit, Charakterstudien anzustellen, die ich später gemeinsam mit meinem Nachbar Friedlich literarisch verwerten werde.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dator, mas foi reservado um pequeno espaço no cabeçalho do jornal para colocá-lo no número seguinte. O mais importante é que eu fora registrado como "responsável", junto às autoridades competentes. Isto me deixou desconfiado, parecia que estes senhores estavam precisando de um "saco de pancadas", mas eu não estava com vontade de fazer este papel.

O primeiro número do "Imigrant" foi aceito com um meneio de cabeça, o conteúdo não foi bem compreendido pelos moradores de Blumenau. A Folha não teve boa aceitação, e com um aumento salarial neste momento eu não poderia contar.

Com a edição do número dois, que agora estava sob minha responsabilidade, aconteceu o mesmo que havia sucedido com a anterior. É que precisava ser publicado o interrogatório policial sobre o assassinato do senhor Kükel, um honrado companheiro. Conseqüentemente não havia espaço para mim e com muito esforço pude me conter. Parece que eu estava certo com relação a minha posição de "saco de pancada". Eu não disse nada em relação ao número três. Com o número quatro tivemos muitas dificuldades e apavorados vimos que a tinta havia acabado. O senhor "Bullenbeisser" estava fora de si, corria como louco de um lado para outro, mas apesar disto não se tinha tinta. Por fim, o tipógrafo teve que usar graxa de sapato e óleo de rícino para a impressão. Meu Deus, que dias e que impressão! Contudo, dizem que este jornal foi ótimo contra prisão de ventre.

Para o número cinco, escrevi um artigo sobre a fabricação de sabão e esclareci que o fabricante recebera uma grande encomenda de volta, porque misturara argila. Meu artigo foi entregue ao tipógrafo, e mentalmente já via a sensação que causaria. Mas não se tece um acordo com as forças do destino, e quando o senhor "Bullenbeisser" leu a prova, pegou um lápis vermelho e riscou sobre a mesma, dizendo ao tipógrafo: "fora com isto". Mas esta foi a gota d'água: "Ser redator e não poder escrever! Eu não". Com estas palavras saí da redação, mas para o número seis, ainda elaborei um artigo sobre as obrigações de um superior da Igreja. Com este artigo aconteceu o mesmo que com o anterior. Queriam me fazer de estafeta, entregando uns poucos exemplares do número sete. E eu, não querendo mais ser "saco de pancadas", resolvi acabar com esta vida de redator. Se tive muitas decepções neste curto espaço de tempo, também foi muito instrutivo, pois surgiu a oportunidade de fazer um estudo sobre o caráter das pessoas, o qual pretendo usar de maneira literária em conjunto com meu vizinho Friedlich.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Histórias ao redor da fogueira do acampamento

O minhocão: narrativa do velho Clemente

Texto:

*JOSÉ DEEKE**

Prosseguimos na divulgação, em português, iniciada na edição de abril deste ano, de narrativas extraídas do livro inédito, escrito em alemão, **"Am Lagerfeuer"** (Ao redor da fogueira do acampamento), do polígrafo catarinense **José Deeke**. Como o próprio nome indica, a obra foi redigida pelo citado autor à maneira do "Decamerão" italiano: são histórias narradas em sucessão por grupo de personagens, como se estivessem reunidos em um acampamento e à volta de uma fogueira, em conversa descontraída, daí a variedade de temas dessas histórias, ora alegres, ora tristes e até dramáticas.

Nesta nova história observa-se bem, mais uma vez, as inegáveis qualidades literárias do autor que, com jeito e arte, sabia unir à fluência narrativa minudente precisão na maneira de retratar os hábitos e os modos de pensar e de agir dos habitantes dos planaltos e serras da região rural do Sul do Brasil, com quem teve longo e intenso convívio durante dilatados anos de sua atividade profissional, no final do século XIX e nos lustros iniciais do corrente século.

Na narrativa que ora se publica, o saudoso escritor, ouvinte atento de "causos" narrados ao redor da fogueira, deu fascinante e engenhoso tratamento literário a uma longeva crendice cabocla, personificada no *minhocão* , que seria o causador de incríveis alterações no relevo das terras brasileiras e, em conseqüência, do desaparecimento de seres humanos e animais. Nossos crédulos e temerosos caboclos, à falta de conhecimentos precisos a respeito do fenômeno, resultante de continuada erosão subterrânea, conhecido pelo nome de *voçoroca*, acabaram atribuindo a origem das citadas ocorrências a tal mítico monstro do folclore nacional. Esse tipo de erosão infelizmente ainda continua causando sérios danos no território brasileiro, de acordo com notícias divulgadas com freqüência por nossos jornais e revistas.

Na obra original, convém informar, o "velho Clemente" ainda narra a seus companheiros de acampamento alguns infortúnios sucedidos à sua família (mãe e irmãos) após e em conseqüência da súbita morte de seu pai nas erodidas terras da fazenda.

---

* José Deeke – agrimensor e cartógrafo. Autor de livros e numerosos artigos sobre a região do Vale do Itajaí. Sua obra mais famosa intitula-se: "O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento", publicada originalmente em alemão pela editora Rotermund & Cia. (São Leopolodo, 1917, em três volumes); e, em 1995, em português (Blumenau, Editora Nova Letra).
Tradução: Edith S. Eimer / Niels Deeke.
Notas de rodapé redigidas por Niels Deeke.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O minhocão: narrativa do velho Clemente

Nossa pátria é muito rica em lendas de monstros; e dentre essa grande variedade deles certamente o *minhocão* (1) é um dos mais assombrosos. Mas, até agora poucos o viram em suas breves incursões à superfície da terra, que ocorrem em noites muito escuras e de preferência sob chuvas torrenciais. Embora o preciso aspecto de sua figura não possa ser descrito, é possível imaginá-lo pelos vestígios que produz. Em suas andanças fora de seu *habitat* aquático ou pantanoso, ele deixa no solo profundo e amplo sulco; e através desse rastro é possível avaliar-se o tamanho do espantoso animal, que parece ser tão volumoso quanto a cintura de seis cavalos juntos. Supõe-se que seu comprimento seja proporcional ao diâmetro de sua largura, do que se infere apresentar sua conformação longitudinal à feição de descomunal verme-serpente, tal como verdadeiro "leviatã " mitológico (2).

O animal, quando jovem, é pequeno, de aparência inofensiva, afirmando algumas pessoas que ele se assemelha a uma enguia e, segundo outras, que se parece com um lagarto. Isso não passaria, porém, de simples suposições baseadas nos vestígios deixados pelos rastros que o animal traça no chão ao sair das poças d'água onde se cria. Aliás, quando esses alagoados foram cuidadosamente esgotados para exame, nada mais foi encontrado além de espécies de batráquios, enguias e animais semelhantes aos lacertílios.

Quando jovens, permanecem nas lagoas, próximos à superfície, e não são temíveis. Mas, quando crescidos representam terrível perigo tanto para o ser humano como para os animais de criação, que não estarão absolutamente seguros na proximidade deles. O monstro costuma migrar após desenvolver-se completamente, quando a lagoa se torna exígua para contê-lo e não oferece mais alimento suficiente para seu desmesurado apetite. Aproveita uma noite escura como breu, quando, aflorando n'água e sob tempestade, se desloca ribanceira abaixo, escorregando seu roliço corpo para seguir o curso natural da aguada, até encontrar a lagoa mais próxima. Caso não consiga alcançar um lagoão no trajeto das sangas (3), aproveita um banhado e chafurda no lodaçal. Dessa maneira e sem deixar de crescer em tamanho, vagueia por décadas vales abaixo, de lagoa para charcos, de pântanos para banhados, entre rios e correntezas, até que finalmente chega às profundezas ignotas dos mares, onde se torna o pavor dos marujos.

Mas, neste mundo, como é bem sabido, em todas as camadas sociais há incrédulos, até mesmo em relação a Deus e à religião; e, por isso, bem se pode imaginar que também haja muita gente que considere o *minhocão* pertencente ao domínio das fábulas. São, em geral, pessoas livres do perigo que ele representa, que habitam as cidades, onde já não mais existem semelhantes seres, embora também alguns dentre os moradores do campo e do sertão, apesar de serem poucos, igualmente descrêem deles. Aliás, um, desses poucos, era eu mesmo. Disse "era", porque

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

agora não sou mais um descrente, porque estou completamente curado da minha antiga incredulidade e passarei a contar de que forma tudo aconteceu:

Nas terras da fazenda de meu pai existia grande quantidade de lagoas e banhados. Ali o gado bebia, banhava-se e, principalmente, embrenhava-se nos charcos pantanosos para abocanhar as apetitosas e nutritivas ramagens verdes que lá abundavam. Havia uma determinada lagoa, distante cerca de uma légua (4) de nossa residência que, estranhamente, era evitada pelo gado; e, quando este a procurava, sedento, sempre se dirigia para um lugar bastante raso. Nunca se via os animais da fazenda avançarem sempre mais para o interior dela, como faziam nas outras lagoas. Percebia-se, ao contrário, que eles temiam dar até mesmo um único passo para dentro daquela água; e permaneciam na margem, de onde, esticando o pescoço apenas o necessário, atingiam o líquido com o focinho para saciar a sede. Adiante da referida lagoa existia ainda um banhado, situado a cerca de cem braças (5) barranca abaixo, com o qual o gado também vivia ressabiado, pastando cautelosamente pela margem e esquivando-se de ir além, onde vicejavam, no seco inverno, suculentas ervas e verdejantes gramíneas.

Nossos peões e agregados achavam tudo isto muito lógico porque um, dentre eles, o negro João, antigo escravo, havia assistido a um episódio espantoso quando, havia trinta anos, um *minhocão* deslizara com sua rotunda rabeira, escorregando da lagoa para dentro do banhado. Eles supunham, por isso, ser bem possível que, após um trintênio, um novo *minhocão* se houvesse desenvolvido na lagoa. Em relação ao banhado presumiam que, nas profundezas de sua lama, ainda vivesse o animal que até lá se arrastara no passado. A prova disso era o evidente comportamento atípico provocado pelo instinto do gado.

Por todos esses motivos os homens evitavam aproximar-se demasiado tanto da lagoa quanto do banhado. Eles tinham até mais medo do *minhocão* do que dele tinha o próprio gado. Nas ocasiões em que, a cavalo, apascentavam o rebanho no campo, acaso notassem alguma rês que, desgarrada do grupo, se avizinhava desses locais, tratavam logo de enxotá-la, afastando-a de suas imediações. Quando, à noite e com meus irmãos, eu ficava por longo tempo no rancho, em companhia dos peões, próximo ao calor dos nós de pinho em brasa, ouvia-os habitualmente contar as arrepiantes e horrendas histórias a respeito desses dois locais, além de casos em que o *minhocão* vitimara não só animais como também uma pessoa. Esta foi um tropeiro rio-grandense que, a negócios, visitava a fazenda, na época em que ainda pertencia ao antigo proprietário do qual meu pai a comprou, e que não quis acreditar na existência do animal. Aconteceu que, ao passar acompanhado de vários moradores nas cercanias da lagoa, seu cavalo teve sede, querendo beber água. Para satisfazer a montaria, o cavaleiro afrouxou-lhe as rédeas. Seus companheiros, que o haviam prevenido com toda ênfase do perigo, ficaram horrorizados, chegando finalmente até a implorar que não arriscasse a vida. Ele, porém, apenas riu e até

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mesmo esporeou seu cavalo, incitando-o a avançar mais alguns passos água a dentro. Num primeiro momento até acreditou-se que o imprudente rio-grandense estivesse com sorte, porque o cavalo sorvia, tranqüilo, demorada e calmamente, a água fresca. Mas, este logo ergueu a cabeça de chofre, bem ao alto, e, com violenta energia, tentou forçar um pinote para trás, porém não mais conseguiu : o *minhocão* já havia enredado suas patas dianteiras, prendendo-as dentro d'água. Os companheiros do forasteiro rio-grandense nada mais puderam fazer além de, impotentes, vê-lo desaparecer na turbulência provocada pelo enorme vórtice que o revolto redemoinho produziu nas águas, sugando cavalo e cavaleiro, ambos enlaçados de ponta-cabeça, para as profundezas da lagoa, onde seus corpos nunca mais foram vistos.

Não foi só a lagoa: também o banhado sacrificou vários animais, principalmente quando eles se arriscavam, distanciando-se em excesso das margens. Também lá o *minhocão*, diversas vezes, se manifestou; e notava-se seus movimentos quando, revolvendo o lodo do fundo, agitava a água que atingia suja a superfície, toldando-a com a cor pardacenta da lama.

Recordo-me de que nós, quando ainda éramos crianças, ao ouvirmos essas histórias contadas pelos peões, tremíamos de medo, perdendo qualquer coragem de nos aventurarmos para os lados dos alagadiços, porque nada seria então mais natural do que crermos na realidade do *minhocão* e de outros monstros ciclópicos. Nosso pai, todavia, bem ao contrário, esforçou-se muito para que esses relatos e suas conseqüências aterrorizantes não nos afetassem. Ele era natural de São Paulo e havia adquirido há apenas dez anos a fazenda diretamente do proprietário anterior, que a havia organizado. Nos demais assuntos relativos a temas semelhantes ele não era tão incrédulo, chegando a contar-nos vários episódios do *caipora* ou lobisomem. Alegava que se, efetivamente, existisse mesmo o *minhocão*, ele provavelmente habitava os mais recônditos rincões das profundezas da selva; e certamente não na citada lagoa ou no banhado da fazenda – o que, afirmava, não passava de absoluto disparate através da divulgação desses boatos por pessoas que os relacionavam com a fazenda. Ele nos explicava bem que a nossa propriedade ficaria desacreditada, motivo pelo qual fazia de tudo para abafar sua divulgação. Dizia além disso que não dava o menor crédito ao assunto, o qual não passava de conversa fiada. Os argumentos de que nosso pai se valia esclareciam o caso de tal maneira que se acabava desacreditando na possibilidade de lá existir um *minhocão*.

Declarava também meu pai em suas explanações que a lagoa possivelmente era muito mais profunda do que todos supunham e, principalmente, que ela era a maior dentre todas as existentes na fazenda. Por si só tais fatos já impressionavam tanto a pessoa que a visse como também aos animais. Além disso, afirmava, a lagoa certamente era perigosa, não em virtude de ocultar em suas águas um *minhocão*, mas pelo fato de suas margens estarem solapadas. Essa fragilidade do macio terreno era a causa de que, vez por outra, suas ribanceiras mais íngremes cedes-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sem, fazendo naufragar miseravelmente tudo o que lhe estivesse em cima, até o fundo no vazio cavernoso dos solapões erodidos. Se uma cabeça de gado fosse beber água naqueles lugares, o instável e frouxo solo marginal poderia facilmente desmoronar, não dando tempo ao animal de transpor-se para terreno firme. Em geral, ele fracassava na tentativa de saltar e, assim, fatalmente afundava, selando inexoravelmente seu destino. Em época anterior, considerável malha de árvores que havia na beira da lagoa escorregou por inteiro, com terra e troncos; e ainda se podia ver, aflorando no meio da voçoroca (6), apenas a copa da galhada, em cuja tranqueira se enroscavam as pretensas vítimas do *minhocão*.

Para esclarecer o mistério do banhado meu pai dava-nos esclarecimentos ainda mais simples. Dizia que naquele lugar, no passado, havia existido uma grande e profunda lagoa que, no correr do tempo, com o depósito de muita lama, ficou tão assoreada que nela se haviam formado pequenas ilhotas de grama. No seu entender, caso o gado ousasse alcançá-las, atolaria nos socavões (7) que permaneciam submersos, o que ele considerava uma conseqüência lógica. Era dessa maneira que costumava interpretar os fatos; e acrescentava, com um sorriso benevolente, que todos os acontecimentos eram naturais. Zombava daqueles que atribuíam-nos à ação do *minhocão* e, como arremate, dizia que, na hipótese de semelhante monstro ter mesmo, no passado, escorregado para o banhado, já há muito tempo estaria morto nas profundas cavernas subaquáticas.

Suas compreensíveis explicações não deixavam obviamente de produzir seus efeitos, mais ainda em nós, crianças, que considerávamos nosso pai como o homem mais inteligente e de maior experiência neste mundo. Acreditávamos piamente, portanto, em tudo quanto afirmava. Nosso pessoal de serviço, porém, não se deixava convencer tão facilmente e continuava convicto nas crenças do passado e nas tradições que lhes haviam sido transmitidas por seus pais e avós. Mas, percebia-se que suas arraigadas convicções quanto à presença do *minhocão* iam lentamente diminuindo. Tinha-se ao menos a impressão de que não mais o temiam com tamanha intensidade, o que se depreendia de suas conversas. Nelas manifestavam a opinião de que estava cabalmente provado que, em época anterior o monstro lá teria existido, mas já agora e desde há muito, ele havia mudado para outro lugar ou mesmo morrido, tudo de acordo com o que asseverava o patrão. Ainda tentavam evitar as proximidades da lagoa e do banhado, mas o medo que antes demonstravam arrefecera sensivelmente.

Meu pai era um homem extremamente ativo e empreendedor. Não se contentava apenas em criar o gado, nem deixava as demais benfeitorias abandonadas e entregues à própria sorte, como faziam nossos vizinhos. Muito ao contrário, ele procurava sempre realizar melhorias, de maneira que não demorou muito para nossa fazenda apresentar bonito aspecto. As edificações foram reformadas e tornaram-se mais sólidas e com melhor aspecto em comparação com as fazendas con-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

frontantes. Nos arredores da sede rural ele abriu práticos caminhos para os carros de boi (8), permitindo fácil e rápido tráfego. Nossa roça, com as plantações de feijão preto e milho, a exemplo do que ocorria com as dos fazendeiros avizinhados, situava-se nos distantes terrenos da serra que, para ser alcançada, consumia bem dia inteiro de viagem. Meu pai atribuía a isso grande desvantagem; e resolveu plantar a lavoura no solo da própria fazenda, o que não era costume praticar nas propriedades do campo, porque era difícil, quase impossível, proteger as plantações da invasão do gado. Mas, seria viável e, com relativa facilidade, poder-se-ia cercar um trecho de floresta, que estava protegida pela própria natureza das incursões do rebanho. Tal obstáculo para o acesso do gado havia em três de seus lados; e o quarto, que continha a linha aberta, poderia, sem muito esforço e com pouca despesa, ser fechado erguendo-se uma taipa (9). A dita "cerca natural" era representada pela lagoa do *minhocão*, logo após havia o "solapão" (10) da grota do arroio, que levava as águas esgotadas da lagoa para o banhado, e, finalmente, o próprio e perigoso banhado, que se estendia até o rio das Onças, cujo leito, em seu curso daí para diante, constituiria a proteção final. E, como esse trecho de mata estivesse de tal maneira impedido ao acesso do gado, meu pai resolveu ocupar-se primeiro dele. Foi construída uma taipa e derrubada parte da floresta para lá se desenvolver uma capoeira. No planalto não se costumava plantar de imediato em mata abatida, porque a queimada e a limpeza requeriam muito trabalho. Aguardava-se, portanto, de dois a três anos, para então roçar a capoeira baixa com foice, queimando em seguida tudo que restasse sobre o solo, porque nesse entretempo as galhadas das grandes árvores caídas secariam ou apodreceriam. O mesmo acontecia com as novas brotações e os troncos mais grossos que, então, poderiam queimar completamente, evitando todo o trabalho de sua remoção, quando, finalmente, estaria preparada a coivara (11). Somente depois da execução de todos esses procedimentos poder-se-ia iniciar a semeadura. Mas, em todo o projeto, havia só um problema que causava preocupações a meu pai : era o acesso para o sítio da nova roça. Para alcançá-la seria necessário contornar, a cavalo, pela direita, grande trecho da lagoa, cujo solo de campo não favorecia a construção de um caminho para os carroções, além de tornar o trajeto extremamente longo. Havia também um caminho, em terreno quase plano, no qual os carros de boi rodavam até perto do banhado, que encurtaria para menos da metade da distância o percurso até a planejada lavoura se não houvesse o impedimento do banhado do *minhocão* a barrar-lhe a continuidade.

Meu pai, teimoso como ele só, pôs na cabeça que deveria trazer para casa a colheita embarcada nos carros de boi! E acabou assim tendo a idéia de construir uma ponte, a fim de satisfazer sua pretensão de ultrapassar o banhado. Nossos homens ficaram apavorados quando souberam do plano. O medo que sentiam do *minhocão* havia adormecido; entretanto, não ousariam transpor o banhado, nem mesmo em hipótese. Julgavam a idéia da construção da ponte um risco de te-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

meridade máxima; e alguns até chegaram a afirmar que a simples idéia de imaginar o projeto se lhes afigurava como o cometimento de um sacrilégio.

Nós, crianças, aprovávamos entusiasticamente, porém, a idéia da obra. Não temíamos o *minhocão*. Estávamos tão eufóricos com o início dos trabalhos, nos quais desejávamos ajudar, que nosso pai acabou consentindo. Achou até que poderíamos mesmo ser úteis para assentar, provisoriamente, o primeiro "estrado flutuante", considerando que nosso corpo tinha pouco peso e não correríamos o risco de afundar tão depressa quanto os outros. Sucedeu a mesma coisa com minha mãe, que concordava inteiramente com o plano do marido. Num belo dia, quando pusemo-nos a caminho para examinar previamente os lugares mais apropriados à travessia, ela, esperançosa, nos desejou felicidades e votos de sucesso na exploração e na escolha do ponto de assentamento da cabeceira do pontilhão.

Há dias os peões trabalhavam cortando enormes troncos de pinheiro para a execução dos "estrados" de madeira. As toras eram desdobradas longitudinalmente ao meio, em todo seu comprimento, para servir como vigas que, separadas numa distância definida, por sua vez eram unidas transversalmente com pranchas, assemelhando-se tudo a uma grande escada deitada sobre o chão. Foi então que começou, de fato, o esforçado trabalho. A primeira seção dessas "plataformas", à feição de andaimes, foi erguida na vertical como se fossem escalá-la e então deixaram-na tombar em direção ao banhado, bem na direção de onde sobressaíam alguns arbustos, que indicavam existir ali, a pouca profundidade, uma ilhota, o que, como havíamos suposto, para nossa boa sorte, ocorreu. Ambas as pontas superiores do "estrado-ponte" caíram exatamente sobre a ilhota, a princípio balançando um pouco; porém, logo em seguida, se estabilizaram, revelando que ela suportaria razoável peso.

Eu fui o primeiro quem se aventurou na travessia do "tabuleiro"; e fazendo isso, não tive medo algum, porque não acreditava no *minhocão,* nem tinha receio de afundar. Aliás, eu não poderia mesmo afundar, porque meu pai, prevenido, na hipótese de as vigas e pranchas fraquejarem, havia amarrado à volta de minha cintura um laço cuja outra extremidade ele segurava firme. Não houve todavia, perigo. Cheguei são e salvo ao extremo do "estrado"; e, de lá, constatei que em todos os pontos, à esquerda, à direita e adiante, em direção ao centro do banhado, existiam numerosas ilhotas. Isso iria permitir que, a partir dali e sem muita dificuldade para atingi-las, poder-se-ia continuar o prolongamento das vigas. Percebeu-se, entretanto, que, quando se fincava junto às margens da ilhota uma vara para sondar a profundidade, não se alcançava o fundo, por mais comprido que fosse o varapau.

Depois de haver acrescentado mais algumas pranchas e travessas ao "tabuleiro", a fim de permitir sofrível caminhada sobre ele, meu pai veio até ao ponto onde eu me encontrava. Pensativo, abanava a cabeça, porque já parecia então bem problemático edificar a ponte atravessando aquele mar de lodo. Após mais algumas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

verificações constatou que, por causa da grande profundidade das águas, ficava totalmente impraticável sua intenção de fixar naquele ponto os cavaletes e os pilares que sustentariam a passarela. Em relação às ilhotas, elas igualmente não ofereciam segurança, porque só as copas dos arbustos lá existentes afloravam à superfície; e disso não se extraía qualquer certeza de que suas raízes estivessem fixas e que elas pudessem servir como pilares para sustentar as pesadas traves. Desse modo, todo o conjunto assemelhava-se a uma grande balsa flutuando no banhado.

Tornara-se muito arriscado, portanto, para lançar adiante novos segmentos dos passadiços, fazer das árvores semi-submersas as cabeceiras de suporte deles. Meu pai compreendeu logo que seu plano estava fadado ao malogro. Mas, naquele momento, todas essas circunstâncias, não importavam : queríamos ainda explorar o desconhecido lugar, para bem mais além. Até os peões, quando viram que não fôramos engolidos logo pelo *minhocão*, como pensaram que iria acontecer, se aventuraram chegando até nós para satisfazer a curiosidade. E, então, sucessivamente, vigas, travessões e pranchas foram carregados para a ilhota e, a partir de lá, novas seções do "estrado-passarela" eram estendidos sempre mais para diante.

Quando chegamos ao meio do banhado, as ilhotas de súbito terminaram. No centro de ampla superfície d'água escura, livre de tranqueiras, havia uma ilha com cerca de dez braças de comprimento por outras cinco de largura. À primeira vista, só podíamos distinguir, do ponto onde estávamos, as margens desprovidas de capoeira e seu interior coberto por adensado capão de baixos arbustos. Meu pai decidiu atingi-la, para que pudéssemos observar e explorar o lado oculto. Ele pretendia, com esses trabalhos de prospeção da ilha, encerrar as tarefas naquele dia; e, no seguinte, fazer uma tentativa para encontrar, em outro local, uma passagem entre o banhado e o rio das Onças. Já havia percebido que o desejado caminho se tornara bastante mais longo do que havia julgado. Além disso, para que adiantaria prosseguir se a travessia do banhado era impossível ?

O último e comprido segmento do "estrado-escada" foi erguido e deixado desabar, para alcançar-se a ilha que distava cerca de quatro braças. Enquanto preparávamos o engenho para lançá-lo na direção pretendida, ouvimos estranhos e surdos rosnados, que provinham daquelas bandas, mas não lhes demos importância. Tão logo as compridas e pesadas vigas caíram, fragorosamente, sobre os arbustos da ilha, aconteceu, abruptamente, verdadeiro pandemônio em seu lado oculto. Com terrível tumulto e fazendo estrepitoso barulho, seguido de lúgubres grunhidos cortando os ares, algo muito volumoso se atirava n'água, provocando tamanho ruído que, de medo, o mais corajoso dos mortais eriçaria seus cabelos. Nossos homens ficaram lívidos e paralisados de horror. Até meu pai empalideceu, mas foi só por breve momento. Então, recuperando seu sangue frio, disse calmo e rindo:

– *Capivaras.* Não tenham medo, são apenas *capivaras.*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

E, realmente, eram capivaras. Algumas, delas, devido ao susto que tomaram, vinham nadando e contornavam a ilha, em nossa direção. Surgiam, emergindo, bem próximas, para logo tornar a mergulhar, desaparecendo em direção do rio das Onças. Diante do espetáculo, todos nós fomos, de pronto, possuídos de arrebatadora febre de caça. Mas, não havíamos levado espingarda alguma; e também não seria aconselhável abatê-las naquela água profunda, porque as perderíamos naufragadas na lama.

Fui novamente o primeiro a pôr os pés na ilha, mesmo balançando sobre a passarela. Lá chegado, puxei as vigas para local mais próximo da margem ; e empurrei as pranchas, a fim de que os demais companheiros, cada um por sua vez, alcançassem o novo ponto de apoio do pontilhão na referida ilha.

Encontramos autêntico reduto das capivaras. A ilhota era toda coberta de capim, porém tratava-se de uma vegetação muito rala. Só havia, perto das margens, uma sebe de arbustos mais altos, através dos quais os grandes roedores haviam feito frestas, para servir de rápidos carreiros. Meu pai, já então "metamorfoseado" em caçador, começou a planejar um modo de apanhar esses rústicos animais pseudo-aquáticos.

Embora a carne da capivara não fosse apreciada aqui no planalto catarinense, nem por isso os moradores desta região deixavam de caçá-la, porque de sua pele obtinham excelente couro. O que mais lhes despertava, porém, a ânsia da perseguição era seu óleo que, extraído mediante o cozimento de suas carnes graxas, possuía grandes virtudes terapêuticas, segundo alegavam. Caçavam habitualmente as capivaras com cães, que as espantavam para os rios, quando então o caçador, postado ao longo do curso d'água ou embarcado em uma canoa, facilmente as abatia com um tiro na cabeça, porque tais roedores necessitam, de tempos em tempos, aflorar à superfície para respirar. Todavia, depois do morto o animal naufragava, sumindo no fundo das águas. Só após duas ou mais horas, ele voltava a flutuar, trazido à tona pelos gases acumulados em seus intestinos, quando então era possível resgatá-lo. Mas, tal procedimento venatório não poderia certamente ser praticado no banhado, tanto pelo fato de não possuirmos embarcação como pela impossibilidade de utilizar cães, que se perderiam no lamaçal. Deve dizer-se também que, mesmo atingidas por tiro ou apenas mortalmente feridas, as capivaras poderiam ainda embarafustar-se no emaranhado das tranqueiras e, de lá, não haveria cristão que as tirasse.

Na parte oculta da ilha a vegetação cobria a maior porção do terreno; e vimos que era florestada a quarta parte de todo o solo seco, enquanto no restante crescia abundante capim e, bem próximo, à margem, só havia grama. Depois de percorrer todo o chão, meu pai empolgou-se com a idéia de preparar uma *espera*, de onde poderia abater as capivaras quando em terra; e, com tal objetivo, deu início à abertura de uma clareira, a fim de tornar possível que alguns homens, deita-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dos, pudessem espreitar convenientemente os animais quando estes arribassem à ilha.

Retornamos depois para casa, pois a pretendida caçada só iria acontecer nos dias subseqüentes. Em casa, durante o jantar, todos estavam muito animados, principalmente meu pai, que não parava de comentar os acontecimentos do dia. Entretanto, devia estar aborrecido, porque não poderia concretizar seu sonho de concluir a planejada ponte sobre o banhado. Isso, porém, parecia não mais ter importância. Só falava a respeito das numerosas capivaras, zombando daqueles que imaginavam fosse o *minhocão* o responsável pelas águas revoltas ou que seus movimentos, escarafunchando o fundo, tivessem toldado a coloração do banhado; e, além disso, autor dos grunhidos assustadores, quando os causadores de todo o mistério haviam sido os inocentes roedores. E, rindo, ele se alegrou com a perspectiva da fácil caçada.

No dia seguinte foi explorado o terreno entre o banhado e o rio das Onças. Lá, vejam só, seria possível, com pouco trabalho, preparar apropriado caminho para carros de boi. Naquele trecho, se havia formado, entre o rio e o banhado, uma faixa de terra firme que, embora fosse depósito de aluvião e um pouco estreita, permitiria construir uma via transitável. Era preciso apenas cavar um pouco e depositar a terra extraída no lado oposto, a fim de completar a falta de largura. Desse modo, a obra estaria pronta até a embocadura do banhado e, se necessário, poder-se-ia, comodamente, lançar qualquer ponte sobre esse leito de estrada. Verificadas tais condições, começaram, de pronto, os trabalhos do caminho.

Transcorrida uma semana, chegou a noite do sábado que meu pai havia escolhido para a caçada às capivaras, da qual desde logo eu pretendia pedir para participar. Mas, a caçada fora muito divulgada pelas redondezas, fazendo com que diversos fazendeiros vizinhos insistissem em acompanhar o cerco e a espera aos animais; e, ao ver a maneira como meu pai gentilmente se desdobrava em esforços para dispensá-los, nem mesmo ousei perguntar-lhe se me deixaria tomar parte nela. Ele decidiu finalmente que três vizinhos o acompanhariam, Elízio Silva, Bento Carvalho e Anastácio Pereira; e, assim, excluiu, definitivamente, todos os demais interessados na empreitada. Resolveram ir para a ilha no início da noite e, procurando um lugar no matagal, preparar uma boa *espera* de onde, estendidos no chão, pudessem avistar as capivaras arribando de madrugada, ou de manhã bem cedo, e então abatê-las quando estivessem em solo firme. Cada um dos quatro deveria apontar para um animal escolhido como alvo e, se todos fizessem fogo atirando ao mesmo tempo e de curta distância, acreditavam que não poderiam deixar de ter proveitoso sucesso. Não tinham, porém, muita certeza no êxito da caçada, porque as capivaras poderiam, através do faro, pressenti-los e fugir para outro sítio. Já durante nossos trabalhos perto de seu *habitat* os animais haviam ficado alvoroçados e receosos com a quebra da tranqüilidade naquelas bandas. Acontecera além disso o fato

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

agravante de havemos tentado surpreendê-las durante o dia, o que logo haviam notado, talvez pelo sensível tremor no fundo do banhado; e, por isso, só fora possível chegar até a metade da passarela quando, em tropel, pularam n'água. Tudo ocorreu, todavia, conforme o combinado. Na hora aprazada, sábado à noitinha, os três vizinhos chegaram até nossa casa e, reunindo-se a meu pai, logo partiram alegres e satisfeitos. Eu e meu irmão mais moço, Aléxio, seguíamos atrás deles, porque deveríamos trazer de volta os cavalos dos quatro caçadores, tão logo alcançassem as imediações do banhado.

Mas, tudo foi deveras estranho! Já na partida fiquei imensamente triste e senti um forte nó na garganta; e, seguindo um impulso, ainda olhei para trás e tive aí a premonição de que uma grande desgraça pairava no ar. Minha mãe, que havia pouco se despedira sorridente dos caçadores, estava encostada na soleira da porta, lacrimejante e com o rosto amargurado; seus olhos acompanhavam meu pai, que se distanciava. Ao lado da casa o negro João, em desespero, puxava seus cabelos encarapinhados e, lamentando-se, de joelhos no chão, implorava misericórdia aos céus. Eu mesmo, enquanto cerrava os dentes, incitei meu cavalo com as esporas, seguindo os caçadores.

Na seqüência, tudo decorreu como havia sido combinado. Meu irmão e eu esperamos na margem do banhado até que os caçadores, depois de terminadas as amarrações feitas com grossa cordoalha, com a qual se haviam enlaçado firmemente, deram o sinal combinado de terem alcançado o lugar preparado na ilha para servir de *espera*. Em ato imediato voltamos para casa, conduzindo as quatro montarias aliviadas de seus cavaleiros. Em casa reinava a tristeza. Minha mãe havia conseguido controlar-se a duras penas, mas vagava triste e taciturna de um lado para outro, muito inquieta. O negro João fazia seu trabalho costumeiro no pátio da propriedade, porém falava e resmungava, além de gesticular continuamente. Por vezes ele se tornava muito ruidoso, quase violento; e então exclamava :

– Se eu não tivesse visto aquele monstro com os meus próprios olhos, eu nada diria ! Mas, eu o vi... Meu Deus, Deus meu, que sacrilégio! Que profanação essa, desafiar as forças ocultas das profundezas!

Eu, como também Aléxio, fiquei com medo e assustado, enquanto os outros três irmãos menores, arrastando-se, jaziam encolhidos pelos cantos da casa. A empregada negra, na cozinha, conversava em murmúrios discretos e timidamente com a adolescente Cidinha, uma pobre órfã que meus pais haviam acolhido. Quando a noite plena caiu, o ambiente doméstico ficou ainda mais tétrico. Eu, com meus irmãos, fui para a cama e logo adormeci. Mas, pesadelos medonhos me ficaram atormentando até que, finalmente, fui despertado por um retumbante trovão. Assustado, saltei da cama e corri para o vizinho quarto de meus pais, onde encontrei minha mãe ajoelhada junto ao leito, chorando copiosamente. Logo que me viu ela exclamou:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

– Meu filho! Ai, meu filho! Seu pai está perdido! Esse tempo ruim parece ter sido encomendado pelo *minhocão !*

E, como quisesse certificar-se do que dizia, correu até a janela e abriu-a. Eu a segui e também espiei para fora : a noite realmente estava escura como piche; e não era possível enxergar nem mesmo a própria mão diante dos olhos. Além disso, chovia torrencialmente e sem cessar. Abatida, minha mãe fechou a janela e, depois, nos sentamos abraçados na cama, aguardando chorosos e com o coração apertado que o dia clareasse. Depois de persistir por algumas horas, a impetuosa chuva abrandou e, afinal, estiou. Um forte vento varreu toda a nebulosidade e, passada outra hora, o céu retomou sua serenidade, ficando tão límpido que até as estrelas cintilavam. Não demorou para ouvirmos uma movimentação atropelada no pátio; e, ao abrir a janela, vimos o negro João, muito apressado, selando os cavalos. Mal nos percebeu, foi gritando :

– Dona Benta! (Este era o nome de minha mãe). Permita que eu vá, imediatamente, procurar o patrão, porque aqui eu não consigo ficar sossegado !

Minha mãe ficou visivelmente comovida com a atitude do negro e respondeu :

– Sim, João! És uma alma fiel! Vai e faze o que pretendes! Porém, como não poderás conduzir sozinho todos os cavalos, peço que acordes um dos peões, para acompanhar-te.

– Mãe ! , exclamei com crescente coragem. Deixa os peões dormindo! Eu quero ir! Vou acompanhar o João, para buscar papai!

E minha mãe permitiu que eu fosse junto com ele. Sem mais rodeios apanhamos os cavalos que pastavam na lomba da coxilha bem próxima, colocamos os cabrestos, arreios e correames nos quatro animais dos caçadores e, em acelerada marcha, partimos. De súbito, notei que havíamos tomado direção errada. Os caminhos, no campo, por vezes são muito difíceis de ser reconhecidos; e, como ambos estávamos, além de pensativos e preocupados, muito ocupados em orientar o rumo e a andadura das montarias vagas que nos precediam, não percebemos o "encruzo" (12) da trilha, à esquerda, que levava ao banhado.

– Que diabos! , praguejou João, quando lhe chamei a atenção para o fato.

Depois de coçar a cabeça a refletir, ele resolveu que devíamos continuar seguindo o caminho carroçável, porque seria grande perda de tempo se voltássemos à encruzilhada; e, exprimindo seu pensamento, disse:

– Não faz mal. Se prosseguirmos por este caminho chegaremos à margem íngreme logo abaixo da lagoa, onde corre o riacho que a liga ao banhado, de onde poderemos divisar amplamente toda a região. Da mesma maneira e com um pouco de esforço, de lá poderemos alcançar a trilha que leva ao banhado, seguindo ao longo do declive pedregoso.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Seguimos, portanto, adiante e, para nossa alegria, verificamos que, para os lados do leste, o dia estava raiando. João dizia, em determinado momento, que não demoraria muito para chegarmos à margem escarpada quando, de supetão, os quatro cavalos que iam à nossa frente se empinaram. Relincharam alto e resfolegaram forte pelas narinas, como que perseguidos por fúrias, e, logo, amedrontados, passaram híspidos por nós, num impetuoso galope, em sentido retrógrado. Pouco mais para trás, eles pararam e, rinchando com as cabeças erguidas, começaram a trotar em círculo, como se fossem *mustangs* (13). As nossas montarias também se assustaram e, do mesmo modo, tentaram forçar o retorno, mas conseguimos dominá-las e, cautelosamente, fomos adiante. João empunhava a pistola e eu, tendo desembainhado meu punhal, mantinha-o na mão. Observávamos, com toda a atenção, o chão à nossa frente, porque suspeitávamos da presença de algum animal selvagem, talvez um *guará* (14), que pudesse havê-los assustado. Mas, não fomos longe: nossos cavalos, da mesma maneira como haviam feito os outros quatro, jogaram suas cabeças para o alto, empinaram-se, soltaram relinchos e, fungando de medo pelas ventas, largaram carreira em fuga para a retaguarda – e só a muito custo conseguimos refreá-los. Resolvemos então apear e amarrá-los em uma árvore perto da qual estavam os outros animais. Estes se haviam agrupado e, bem juntos, permaneciam com o pescoço ereto, olhando assustados para todos os lados. Nós fomos em frente, a pé, com a intenção de desvendar o que tanto os atemorizava. Chegando ao declive, olhamos para todos os lados do terreno de campo, mas nada se avistava de anormal. De inopino, o negro João deu um gutural grito de horror e o vi, com o corpo todo a tremer, esticar a mão indicando a região à direita do banhado.

Já era dia claro e suave brisa dispersara a neblina que até então havia coberto nossos pés. Os primeiros raios de sol iluminavam o banhado, fazendo com que pudéssemos avistar todas as terras próximas. Banhado! Seria aquilo de fato o banhado? Eu não podia acreditar no que estava vendo. Pasmado e estupefato, olhava para baixo na direção do dito brejo, que mais me parecia gravura de fantasia em livro de contos de fábulas. Tudo quanto fora cobertura verde havia desaparecido do banhado e, em seu lugar, jaziam enormes blocos de torrões em leivas de capim retorcido, projetados com violência e desordenadamente, intercalados com poças de água lamacenta. Parecia que um gigantesco arado sulcara, com cutelos gigantescos, tudo o que até então lá existia. O trecho entre a lagoa e o banhado, no qual se destacava antes o riacho, com larga faixa de exuberante relva verde clara, pelo campo todo – onde tinha ficado? Tudo quanto eu enxergava à minha frente nada mais era do que enorme vala rasgada em terra negra.

Os lamentos e os gritos do negro João tiraram-me do estupor, trazendo-se de volta à realidade; e, de pronto, entendi o fato terrível que havia acontecido : a história da existência do *minhocão* era de fato verdadeira! O monstro saíra da lagoa, da mesma maneira como havia ocorrido há décadas; e meu pai, meu bom e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

querido pai, fora vítima do seu furor com seus três companheiros. Não me recordo, precisamente, o que aconteceu em seguida, porque o susto e o sobressalto com o trágico episódio quase fizeram-me perder a razão. De modo vago eu me lembro de que o negro João estava sempre à minha frente, lamentando-se. Depois me vem à lembrança minha enlutada e infeliz mãe, além dos rostos acabrunhados de meus irmãos e dos peões. Lembro-me ainda como, de toda a vizinhança, os moradores vieram à nossa casa, alguns para consolar e ajudar, outros por mera curiosidade. Mas, todos os que viram a infernal obra do *minhocão*, ficaram tão impressionados com sua descomunal força que nenhum dentre eles, certamente, no futuro iria rir ou faria pouco caso de sua lenda.

Ficamos sabendo dessa maneira que, por anos seguidos, houve efetivamente no interior da lagoa um *minhocão* que, ao longo do tempo, se desenvolveu constantemente até atingir colossal tamanho. A fera aproveitou então a noite escura de temporal, com o nível d'água da lagoa aumentado pela intensa chuva, e pôs seus colossais órgãos locomotores em movimento: irrompeu pelo dique pantanoso e, extravasando-o, resvalou em arrasto pelo destruído córrego, em direção ao banhado. De ambos os lados do fosso, que media cerca de uma e meia braça de largura, percebia-se claramente a maneira como o desnaturado monstro se contorcera, arrancando enormes quantidades de terra das margens. Era bem evidente, à vista das fendas e marcas deixadas no solo, que elas haviam sido produzidas por estupendas escamas, à feição de pás em espiral que, torcendo-se como rosca de parafuso de gigantesca verruma, perfuraram em vórtice seu caminho, desde o fundo até a borda do alagado e, dali, pela valada da sanga, em direção do banhado.

Nunca soubemos se o monstro engoliu meu pai e seus companheiros ou se ele os esmagou, enterrando-os sob a volumosa quantidade de terra deslocada. Não conseguimos igualmente apurar se o *minhocão* permaneceu no banhado ou se tomou logo o rumo do rio das Onças. Mas, uma coisa é certa: o *minhocão* estava lá e, portanto, esse sinistro teratóide ainda existe e pode, a qualquer momento, flagelar tanto os animais como os seres humanos.

NOTAS DE EXPLICATIVAS

(1) Minhocão: O famoso cientista teuto-brasileiro dr. Fritz Müller também menciona, mas com grande e natural cautela, o *minhocão*, nas páginas 568/571 de suas obras editadas por Alfredo Moeller: "Poder-se-ia imaginá-lo como um grande peixe-batráquio, da família *Lepisdosire* ou *Ceratodus*. O focinho de porco sugere a cabeça do *Ceratodus*; os chifres assemelham-se aos membros dianteiros do *Lepisdosire*, se é que as respectivas informações merecem alguma confiança. Valeria a pena estudar o caso do minhocão e, comprovada a sua existência, conseguir um exemplar para colocar num jardim zoológico." (Vide: "Blumenau em Cadernos", tomo V, ano 1962, páginas 181 a 183)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

(2) Leviatã: Monstro do caos na mitologia fenícia, identificado, na Bíblia, como animal aquático ou réptil. Aqui, ao *minhocão* é atribuída a forma de Leviatã.
(3) Sanga: Pequeno regato, que seca facilmente. Escavação profunda no terreno, produzida pelas chuvas ou por correntes de água subterrâneas. Às margens das sangas formam-se geralmente orlas de bosques ou mato de baixadas, as quais, conforme uso no planalto serrano, são chamadas individualmente de *restinga*.
(4) Légua: A légua corresponde a 3000 braças ou 6600 metros.
(5) Braça: Medida de comprimento, equivalente a dez palmos, que corresponde a 2,20 metros.
(6) Voçoroca: A pronúncia original foi boçoroca, com destaque na letra "b". Desmoronamento oriundo de erosão subterrânea causada por águas pluviais que, facilmente, se infiltram em terrenos muito permeáveis ; buracão submerso ou não.
(7) Socavão: Grande socava, esconderijo, abrigo, lapa, gruta, lugar retirado. Na presente história significa gruta ou caverna submersa. Socavar: escavar por baixo, fazer escavação.
(8) Caminhos para carros de boi: No século XIX as *trilhas*, nos campos do planalto serrano, eram abertas no solo dos macegões das coxilhas chanfrando-se os terrenos em somente setenta centímetros de largura, para permitirem o tráfego de montarias e os respectivos cavaleiros. Esses caminhos, feitos nas ondulações do terreno, possibilitavam ao cavaleiro deixar a montaria seguir, espontaneamente, o curso dessas vias sem preocupar-se em conduzi-la pelo manejo das rédeas, que permaneciam soltas. Os caminhos para carros de boi exigiam largura mínima de 1,80 m..
(9) Taipa: Muro de pedras brutas recolhidas no campo, geralmente com a altura de 2 metros.
(10) Solapão: Cavidade das ribanceiras dos rios e riachos, produzida por erosão. O *solapão*, após formado, identifica-se com a sanga .
(11) Coivara: Restos ou pilha de ramagens não atingidas pela queimada, na roça à qual se deitou fogo. As galhadas e os troncos de árvores e arbustos são juntados para serem incinerados, com o propósito de se limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas, para formar uma lavoura. Dava-se também o nome de coivara à roça recém-plantada e, paradoxalmente, também assim era chamada a roça abandonada. Em língua alemã, *coivara* é *Rode* = roça recém-formada.
(12) Encruzo : Bifurcação ou encruzilhada na estrada.
(13) Mustang: Cavalo selvagem que habitava, em liberdade, as pradarias da América do Norte.
(14) Guará: Lobo-Guará. Do tupi *gwa'rá*. Mamífero carnívoro, da família dos canídeos existente nas regiões abertas do norte da Argentina, no Paraguai e no Brasil, especialmente nos cerrados. Possui coloração pardo-avermelhada, mais escura no dorso, focinho e pés pretos, com mancha branca na garganta. Mede 1,45 m de comprimento e 45 cm de cauda. Guará é também o nome de uma ave aquática, que era muito abundante, no passado, nos mangues e estuários da América do Sul.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

Relatório da Colônia Blumenau sobre o ano de 1874*

TEXTO: DR. HERMANN BLUMENAU

No mês de novembro, o **ensino** da escola pública para o sexo masculino foi interrompido devido ao falecimento do professor Victor von Gilsa. O cargo até agora não foi preenchido pela dificuldade de se achar um professor idôneo, que saiba ensinar em ambas as línguas, a vernácula e alemã, aptidão esta que, neste lugar é indispensável, para que o ensino seja realmente frutífero.

A escola pública para o sexo feminino continuou a funcionar regularmente.

As **escolas e o ensino particulares** infelizmente não tiveram um desenvolvimento favorável, sendo que a freqüência deixa a desejar, e também espera-se conseguir, com alguns esforços e expedientes legislativos e administrativos, um aumento. O total dos alunos e alunas, em 1873, foi 588 e no de 1874 foi somente de 642. As cifras e o aumento não estão em proporção com a população do ano passado, se o compararmos com o ano presente. As causas deste estado de coisas insatisfatórias são múltiplas.

Quanto ao **ensino público**, as duas únicas escolas existentes na povoação de Blumenau são inteiramente insuficientes para uma população de aproximadamente 8.000 almas. Os filhos dos colonos nacionais, estabelecidos quase todos no rio superior, não gozam de instrução alguma, e nas atuais circunstâncias dela não podem fazer uso. Os alemães se socorrem, mais ou menos bem ou mal, com professores de escolas particulares, que as mantêm às suas custas. Os nacionais, na maior parte muito indolentes, não imitam o exemplo, nem encontram, a meu ver, um professor particular, que se arrisque a ser pago ou provavelmente não pago pelos seus patrícios. Assim seria de máxima conveniência, estabelecer-se nas proximidades da vizinhança

---

* **Fonte**: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" – Fundo: *Memória da Cidade* – P. 02.48 – documento 490, transcrição do texto originalmente escrito em língua portuguesa.
Este texto é continuação da edição da Revista "Blumenau em Cadernos", maio de 1999.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

das povoações de Warnow ou Carijós, uma escola pública ou particular, subvencionada de maneira que o professor possa subsistir sem auxílio dos habitantes. Mas ainda duvido que a escola seja regularmente freqüentada por 20 ou mais alunos caso não existir uma forma efetiva, contra os pais, que cause constrangimento, e os faça regularmente mandar seus filhos à escola. Porém, pergunto qual é o meio de coagir os pais, indolentes e portanto pobres, se não é permitido pô-los na cadeia por desobediência, visto que, sendo eles condenados a multas, nunca as pagam e nem com o necessário e devido rigor punem seus filhos, quando vadiam em lugar de freqüentar a escola?

E quanto às escolas particulares, a freqüência tão pouco satisfatória se deve atribuir – além da falta de obrigação da mesma e de expedientes mais práticos, para conseguir o exato cumprimento do regulamento, e além da necessidade e a má vontade de não poucos, apesar da maioria ter consciência da importância do ensino e muitos fazerem sacrifícios para fornecê-lo aos seus filhos – à falta de qualquer subvenção pelo Estado ou Província, aliviando os colonos indigentes e sobretudo aqueles que não tiverem senão poucos anos de estada na Colônia, o que daria competente autoridade e garantia, dentro de razoáveis limites, do direito de ingerência e fiscalização nos negócios das escolas particulares. O ônus não é pequeno, para os colonos indigentes e pais de numerosa família. A contribuição, que às vezes se impõe e pagam ao professor, raras vezes é eqüitativa e convenientemente repartida, porque se num distrito há muitas crianças, em outros existem poucas que pagam; entretanto, em todos a gratificação dos professores, com pouca diferença, é a mesma. O pior é que, com o pagamento da sua contribuição, qualquer contribuinte, ignorante e mal educado, se julga com o direito de considerar e tratar o professor como se fosse seu servente assalariado, não lhe manifestando e tributando a consideração de que o mesmo deve ser revestido para ser bem sucedido na educação e no ensino da juventude; de lhe impor suas opiniões peculiares, ingerindo-se no exercício do ensino e da escola, e enfim, de incomodar e desgostar o professor, quando este não se curvar aos seus mandos, até que se seja demitido ou ele se retire.

Ora, no atual estado das coisas, a Inspetoria de Ensino e a Diretoria são completamente impotentes para combater estes males e dar melhor direção a estes negócios, aliás tão importantes para o momento e ainda mais para o futuro. Os colonos, pagando eles mesmos e exclusivamente seus professores, não estão dispostos, e nem legalmente poderão ser coagidos, a se sujeitarem à ingerência da Diretoria ou Inspetoria por todo o tempo, a não ser que ofendam manifestamente a lei. Concedendo-se, porém, uma subvenção, o aspecto da questão é totalmente diferente e sendo uma "subvenção com racional superintendência e fiscalização pela autoridade" ou "nenhuma subvenção", os colonos não hesita-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rão aceitar o primeiro alvitre. A tal subvenção nesta Colônia, não somente seria de máxima vantagem para a instrução, como também seria de mera justiça e eqüidade.

Sendo ela concedida em larga escala em outras colônias do Estado v. gr. nas de Itajaí e Príncipe D. Pedro, com que justificada razão ela é recusada a esta Colônia? Apesar de eu ter solicitado à Presidência já há anos, o faço de novo, ajuntando sobre a mesma, um esboço do regulamento de 17 de novembro de 1873 e lembrando-a desde então por mais algumas vezes! Também os próprios professores apresentaram a S. Excia., o Senhor Presidente da Província, na ocasião das sua visitas, repetidos pedidos vocais e petição escrita sobre o mesmo assunto! A preterição desta Colônia e a especial preferência e proteção, concedidas àquelas outras, são singulares e evidentes que até me colocaram em posição equívoca e falsa para com os professores e os colonos em geral, atribuindo isso à pouca consideração que mereço das autoridades superiores, o insucesso das minhas solicitações, e ao muito zelo, a maior influência e consideração de que goza o Diretor das referidas colônias, a posição vantajosa em que se acham os professores e em geral os habitantes das mesmas. Objetou-se-me que, sendo as colônias de Itajaí-Mirim de data mais recente, careciam e mereciam proteção e subvenção maior; a razão, porém, de maneira alguma é procedente, porque, se a Colônia Blumenau foi fundada em 1852, com onze famílias, na época em que ela passou ao Governo Imperial, no ano de 1860, não contava senão 744 almas de população. Entretanto, a Colônia Itajaí foi fundada no mesmíssimo ano de 1860! Ora, contando a primeira hoje mais de décuplo da população de 1860, a diferença entre as circunstâncias das respectivas populações das duas colônias não é tão grande, para motivar e justificar a preterição de um, e a especial preferência e proteção do outro lado. Repito portanto, que não é somente de alta conveniência e utilidade pública, como de evidente justiça e eqüidade, conceder-se também as subvenções às escolas particulares de Blumenau da mesma maneira que gozam as escolas do Itajaí-Mirim.

Exploração de terras públicas: foi executada em diferentes partes a exploração de terras públicas para conhecer-se a sua configuração, e idoneidade para o estabelecimento de imigrantes, resultando das mesmas, bem como das picadas efetuadas pelos batedores de mato, que no interior da margem direita ou do sul do Itajaí desde o ribeirão da Subida, no Oeste até a parte já habitada da Colônia próxima do ribeirão do Neisse e da projetada povoação Aquidaban. No Leste as terras são muito montanhosas, pouco próprias e até impróprias para a colonização regular, entretanto no curso superior dos rios Benedito e dos Cedros e entre o primeiro rio e o ribeirão de São Pedro, na margem esquerda do Rio Itajaí ainda existem disponíveis belas vargens e terrenos ondulados muito pró-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

prios para a lavoura e colonização e são suficientes para algumas centenas de famílias.

Vastos horizontes vislumbram para a futura colonização. As explorações executadas pelo engenheiro Odebrecht, sob as ordens de seu chefe, Engenheiro Vergínio da Gama Lobo, nos vales dos rios Itajaí açu, acima do Salto do Pilão, e do Sul e seus confluentes, foi verificada a existência de excelentes terras em condições e superfícies, suficientes para o estabelecimento de dezenas de milhares de imigrantes.

Terras públicas e vendas das mesmas – A importância destas últimas infelizmente não foi considerável, mas, à vista da diminuta imigração que se deu, não deixou de ser sofrível. Foram vendidos, como evidencia o mapa, 2462,5 hectares, na importância total de Rs 20:205$600. A usurpação ilegal de lotes continua em menor escala do que anteriormente. A Diretoria não dispõe de meios para preveni-la e puni-la. Neste particular não posso deixar de mencionar, que nos últimos meses do ano parece ter-se enraizado entre os nacionais, estabelecidos tanto dentro, como fora da Colônia, a opinião de que eles, como "filhos do país" não tem a ver com os "estrangeiros", quer dizer, com o pessoal da Diretoria de origem estrangeira, nem prestar obediência às advertências ou ordens do mesmo, existindo, se não provas jurídicas, pelo menos veementes e mui fidedignos indícios de que tal idéia lhes foi sugerida ou fortificada e premeditada senão maliciosamente, pelo menos por expressões tão repreensíveis como, altamente inconsideradas, de um ou alguns dos agrimensores sob ordens do engenheiro M.D. Pinto Braga. Além destas, no fim do ano se deram outras indignas e censuráveis intrigas e investigações contra o abaixo-assinado e outros empregados da Diretoria, emanadas, segundo todos os indícios, da mesma fonte, e que dão triste prova da falta de boa fé e retidão, do bom senso e juízo de certos indivíduos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Memórias

A Estrada de Ferro Santa Catarina, na cidade de Gaspar

TEXTO:

JOSÉ GUILHERME VANZUITA *

Escrever quase duas décadas da minha vivência em Gaspar reacendem muitas lembranças que o tempo não apagou. Foi nos idos anos de 1954, quando cheguei naquela hospitaleira cidade, na condição de ferroviário e fui agraciado pelo então diretor da Ferrovia, Dr. Antônio Vitorino Ávila ou Sr. Ávila, como era chamado na intimidade, para assumir e chefiar a Estação Ferroviária de Gaspar, prestes a ser inaugurada: o trecho de Blumenau a Itajaí, com prolongamento dos trilhos até o porto daquela cidade, que recebia com o trecho inaugurado grande afluxo de cargas provenientes do Alto Vale. Cheguei em Gaspar nos últimos meses do ano de 1954, assumindo a estação em fase de acabamento, um prédio de dimensões maiores aos quais eu já havia trabalhado em outras estações ao longo da linha ferroviária. Fui festivamente recebido pela população da cidade e suas comunidades. Em pouco tempo de permanência, parecia ser eu, um cidadão gasparense, que embora não tivesse nascido lá, assim gostaria de ser.

Com a conclusão da estação e suas dependências com sala de espera e dois armazéns de grande porte, também foram construídas casas de moradia para o agente e chefe da estação e seu auxiliar que cuidava das chaves de entrada e saída dos trens e manobras de vagões, ao longo do pátio.

Ao iniciar este relato, não podia deixar de mencionar o nome deste servidor que permaneceu trabalhando comigo por quase 20 anos. Conheci-o em Rio do Sul, na Estação de Barra do Trombudo para a qual eu havia sido transferido, procedente da Estação de Lontras. O nome deste homem trabalhador, e respeitoso chefe de família, com uma prole de cerca de 10 filhos, era José Lanznaster, já há muito falecido. Deixou um cabedal de bons exemplos. Possuía todas as qualidades que Deus lhe deu, principalmente a honra e honestidade. Não o tinha como meu empregado ou auxiliar, mas como meu irmão. Por isso, tão logo assumi meu posto,

* Agente da Estação Ferroviária de Gaspar no período de 1954-1971.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

solicitei à diretoria da estrada sua transferência para minha estação. Digo minha, porque desde criança sentia grande vocação pela estrada de ferro.

Como disse anteriormente, a cidade aguardava a inauguração do trecho Blumenau – Itajaí, e com ela, também o desenvolvimento dos municípios servidos pela Rede. Após muitos dias de preparativos, toda cidade aguardava a tão almejada inauguração. Foi elaborada a programação dos festejos. Grande multidão aglomerou-se, comparecendo as autoridades e seu prefeito, bem como a Banda São Pedro, da Matriz de São Pedro Apóstolo, aguardando a chegada do trem especial, o qual conduzia a diretoria da estrada e a comitiva presidencial do então presidente da república Sr. João Café Filho, que havia recentemente assumido a presidência da República, após o conturbado movimento político, ocasionado pela morte do então presidente Getúlio Vargas. Foi deveras emocionante a chegada a Gaspar. Ao longo já se ouvia o apito estridente da locomotiva, com sua composição de vagões especiais, todos embandeirados, o espocar dos fogos de artifício acompanhados agora da Banda São Pedro, os aplausos da população que se aglomerava. Era uma emoção muito grande, que entre palmas, risos e choros de alegria se apossava de cada um presente ao espetáculo. Assim que o trem parou, eis que desembarcou o presidente Café Filho e todo o seu aparato militar, que a ocasião requeria. De imediato se dirigiu a mim dizendo: "Você deve ser a pessoa mais importante, devido seu uniforme". É que o ferroviário devia por força do regulamento andar devidamente uniformizado, daí ele ter-se pronunciado como "pessoa importante". Cumprimentou-me, percorreu as dependências da estação, as quais foram bentas pelo vigário de saudosa memória, Frei Godofredo. Em Gaspar, a comitiva foi engrossada com as autoridades do município, até Itajaí.

A complementação do trecho Blumenau-Itajaí trouxe muitos benefícios à cidade e seus municípios vizinhos. Desenvolveu as indústrias e o comércio em geral, que começaram a dar prioridade a este meio de transporte. Não só Gaspar, mas também o município de Brusque que incorporou a sua produção ao uso da ferrovia. Assim sendo, contatavam com a agência de Gaspar, requerendo os vagões que eram lotados e carregados no pátio da estação com cargas diversas. O Sesi, por exemplo, todas as semanas, requeria vagões que eram carregados com mercadorias destinadas ao Alto Vale, mormente à cidade de Lontras, Rio do Sul e Barra do Trombudo, cidades essas que tinham supermercados filiados à entidade. Assim sucedia também com as empresas têxteis de Brusque. Em Gaspar, eram utilizados os transportes de mercadorias, conectadas com a Estrada de Ferro Paraná-Santa Catarina através do transporte via rodoferroviária com conexão na estação de Jaraguá do Sul, onde eram baldeadas as cargas destinadas para todo interior do estado do Paraná e até Rio Grande do Sul, via Marcelino Ramos. Recordo de algumas empresas e indústrias da época, tais como a Fábrica de Linhas, Usina de Açúcar São Pedro, fábricas de artefatos de madeira, cerâmicas etc...

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O município também escoava seus produtos como o arroz, fumo e outros. Além de exportar as mercadorias que a cidade produzia, recebia vários produtos para abastecer o comércio da cidade. Também era transportado areia para construção nas cidades de Rio do Sul, Barra do Trombudo, Trombudo Central, bem como para Lages, através de caminhões (prosseguimento) da própria ferrovia.

Blumenau também utilizava a estação de Gaspar, que recebia composições de vagões carregados com gado destinado a corte, aos matadouros estabelecidos no município de Blumenau. O transporte de gado trazia numerosos curiosos para assistir ao desembarque na estação. Os animais eram desembarcados, e seguiam, via rodoviária, ocasionando verdadeiros transtornos ao tráfego. Tudo isso para o gáudio da garotada.

Talvez muitos ainda não sabem que todas as pedras das escadarias da Igreja Matriz São Pedro, foram transportadas via férrea, procedentes da Serra de Subida. O vigário da época era Frei Godofredo. Pediu-me o transporte, consegui, pelo diretor da ferrovia, Sr. Ávila. Um acontecimento que deixava muitas pessoas curiosas era o fato de que ao chegar na estação, se deparavam com Frei Godofredo, em cima dos vagões, fazendo o translado das pedras, que eram baldeadas para caminhões de populares e da prefeitura. Muitas vezes vi o Frei Godofredo chegar, tirar a batina e colocá-la em cima de uma cerca, ir para cima dos vagões para descarregar. Devo ressaltar que todo transporte foi feito graciosamente pela rede ferroviária.

Havia um vivo interesse dos ferroviários em ajudar, principalmente por ocasião dos festejos do seu padroeiro, São Pedro. Vários vagões chegavam repletos de fiéis que usavam os meios de transporte de passageiros pelos trens e litorinas. O movimento era tão intenso que circulava uma automotriz de Gaspar a Blumenau e Itajaí, em viagens extras. Outro fato ocorrido, foi por ocasião da grande enchente de 1957, que assolou o vale do Itajaí, inundando várias localidades. Nesta ocasião o transporte era feito exclusivamente pela Estrada de Ferro. Até mesmo grandes composições de vagões, foram utilizados para transportar veículos auto motores (carros e caminhões).

Com o advento da ferrovia, que trouxe muito progresso, também houve alguns transtornos em relação aos terrenos ocupados pela estrada. Estes terrenos em grandes áreas foram utilizados. Como havia nelas propriedades, cujas indenizações nem sempre satisfaziam, pelo seu pagamento, as reclamações que chegavam eram constantes. Embora existisse uma central de atendimento em Blumenau, nem sempre as reclamatórias eram feitas diretamente. Preferiam dirigir-se ao agente, neste caso à minha pessoa para o devido encaminhamento. Alguns fatos deixavam a gente em situação delicada, como foi o caso de uma senhora que veio reclamar que sua roça de cana havia sido queimada pelas fagulhas da locomotiva.

Quanto a nós, ferroviários, morávamos em residências fornecidas pelo Estado, geralmente casas de alvenaria muito bem instaladas. Não pagávamos luz, água, tínhamos o transporte para ferroviários com 75% de abatimento em vagões de 1ª

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

classe. Muitas pessoas de Gaspar conseguiram ingressar no serviço ferroviário, que formava uma verdadeira família, cujas pessoas se ajudavam mutuamente. Aos ferroviários eram fornecidas moradias graciosamente. Tínhamos cooperativa que fornecia alimentação, vestuário e farmácia, cujas despesas eram descontadas em folha de pagamento. Também funcionava com eficiência o serviço médico com atendimento aos familiares em consultório, internamento médico e cirurgia. Era comum médicos conveniados com a EFSC, percorrerem a ferrovia dando consultas em casa, ou ao longo da linha. Concentravam-se os dependentes nas estações ou mesmo em determinados pontos da linha. Os médicos percorriam a ferrovia em automotrizes. Todo atendimento era feito por conta da empresa. A ação social dava toda a assistência aos seus funcionários, até mesmo jurídica, se fosse o caso. Todos os anos era comemorado o dia do ferroviário em 28 de outubro. Por ocasião da Páscoa, celebrava-se missa no pátio da antiga estação, onde hoje está instalada a Prefeitura Municipal de Blumenau.

Em 1964, mais precisamente no dia 31 de março, surgiu um movimento político revolucionário, no qual foi deposto o então Presidente João Goulart, que havia substituído o renunciante Jânio Quadros. Foi aí que começou a decadência da ferrovia que teve os seus direitos tolhidos. A revolução foi sentida em todos os setores da rede. Houve invasão nas dependências da ferrovia por parte do exército, seu diretor afastado, e alguns ferroviários tiveram que comparecer ao quartel em Blumenau para depor. A estação de Gaspar, também teve suas dependências ocupadas pelas forças do exército a título de defesa, já que havia boatos de enfrentamento de tropas procedentes do Sul, o que não ocorreu. Os militares ficaram vários dias acantonados na estação, aguardando um suposto encontro de forças que felizmente não aconteceu. Quanto a mim, continuei nas minhas funções, tendo colaborado com as necessidades que o momento exigia. Por esse gesto, fui agraciado com uma carta de agradecimento emitida pelo Sr. comandante do batalhão, a qual guardo como relíquia, de um acontecimento que não gostaria de ver repetido.

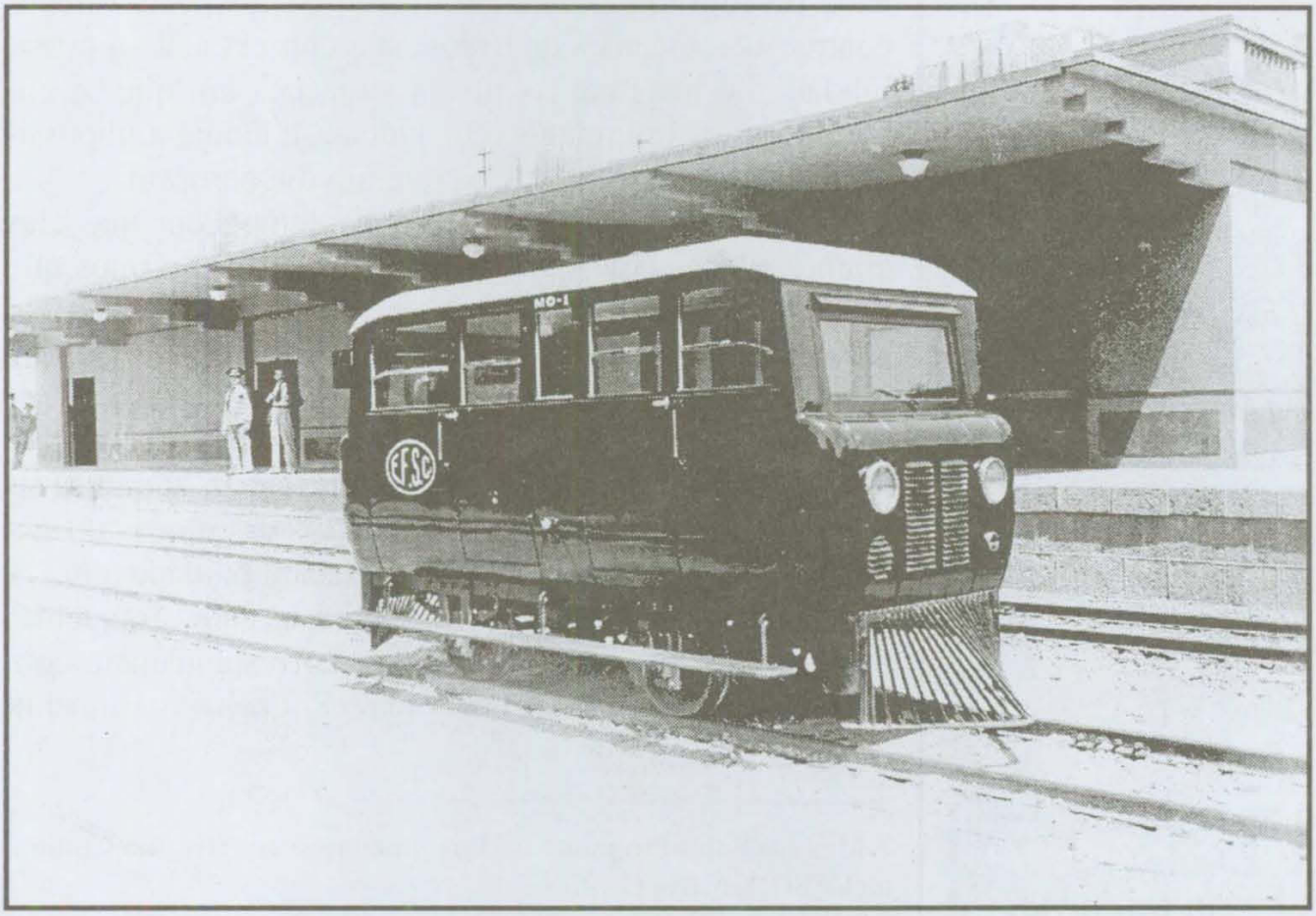
Voltando ainda ao tráfego ferroviário, é importante dizer que a Estrada de Ferro possuía convênio com o Departamento de Correios e Telégrafos. Na época não havia os meios de comunicação como as que existem hoje. Então toda a correspondência postal e telegráfica era feita em parceria pela Ferrovia e Correios. Assim sendo, recebíamos telegramas do Rio para o Vale ou Alto Vale. Os telegramas eram entregues na estação que transmitia para o destino. Por isso o telegrafista ferroviário tinha uma responsabilidade muito grande, pois muitas vezes o texto carecia de muito sigilo. Os aparelhos de transmissão funcionavam pelo sistema de alfabeto morce, cujos aparelhos eram movidos por intermédio de baterias. As mensagens eram captadas pelo som e gravadas em fitas para serem arquivadas. Lembro dos trens especiais, que eram contratados por clubes, escolas e colégios os quais requeriam esse transporte para passeios às cidades do Alto Vale e Vale do Itajaí.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Com a ditadura implantada no país, vieram muitas alterações no meio ferroviário. Em 13 de março de 1971, foi decretada a extinção da ferrovia, e com ela vieram os reflexos negativos, trazendo com isso grande transtorno social. A ferrovia foi dissolvida e com ela seus funcionários, que tiveram de abandonar suas residências, transferindo suas famílias para localidades distantes, deixando na maioria. suas propriedades, indo morar longe de seus parentes, amigos, alguns no interior do Paraná, outros no Rio Grande do Sul e interior de São Paulo. Tiveram de deixar que seus filhos abandonassem os estudos, para fixar residência em locais desprovidos de escolas. Em sua maioria tiveram de deixar o emprego em benefício dos familiares.

Hoje resta a saudade dos amigos, saudade dos trens repletos de passageiros e cargas. Lembro que quando criança me postava às margens do Rio Itajaí-Açu, para ver a passagem dos trens. Sinto ainda hoje o apito dos trens, que passavam durante a noite. E dizer que um dia Deus me deu a graça de fazer parte dessa família ferroviária. É com prazer que digo que a ferrovia foi meu primeiro e último emprego, e foi pela qual eu consegui dar um pouco daquilo que é precioso numa família, que sempre soube estar presente nos momentos em que as alegrias e tristezas nos visitavam.



Estação Ferroviária de Gaspar – automotriz da Estrada de Ferro Santa Catarina

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A respeito dos delicados colibris e dos macacos

TEXTO:

*MARLON JASON SALOMON**

Uma das possibilidades do historiador penetrar não só no espaço privado dos imigrantes, mas também nos momentos de sua individualidade, se dá pela existência de uma correspondência privada, que de certa forma sobreviveu ao tempo graças a sua própria conservação privada. Como diz Michelle Perrot, "*As correspondências familiares e a literatura 'pessoal' (diários íntimos, autobiografias, memórias), embora sejam testemunhos insubstituíveis, nem por isso constituem os documentos 'verdadeiros' do Privado (...) Não há nada menos espontâneo do que uma carta, nada menos transparente do que uma autobiografia, feita para ocultar tanto quanto para revelar. Mas essas sutis manipulações do esconder/mostrar nos levam, pelo menos, à entrada da fortaleza*"[1].

Estas cartas se constituíam tanto para o leitor quanto para quem as escrevia, o momento de superação da distância que separava o imigrante de seus parentes e amigos. Sua escrita freqüentemente revelava a possibilidade de suprimir o espaço através da memória e reencontrar os seus entes queridos; sua conservação, a possibilidade de imaginar as novas situações em que se encontravam os imigrantes à distância, e ainda, a impossibilidade de esquecer aqueles que um dia partiram.

A julgar pelo espaço de tempo em que elas eram enviadas pelos imigrantes – se considerarmos que as cartas atualmente existentes foram conservadas em sua quase totalidade – é possível concluirmos que as mesmas revelavam a extensão do pertencimento familiar e de sociabilidade.

Enquanto não constituíssem novas famílias, os jovens imigrantes, através das cartas, se colocavam em relação de dependência e de consangüinidade com a família. O casamento do jovem imigrante, freqüentemente finalizava a longa troca de correspondência com familiares, e neste sentido, parece que o casamento

* Mestrando no Programa de Pós-graduação em História Cultural na UFSC, bolsista CAPES.

[1] PERROT, Michel (org.). Introdução. In: História da Vida Privada : da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Cia das Letras, 1991. p. 11.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

era o marco de autonomia em relação à figura da família. Já os imigrantes que estavam com suas famílias já constituídas, não cessavam de recolocar em suas cartas, o problema da falta de inserção de sua família numa sociabilidade constituída em seu novo espaço de convívio – problema que os jovens reconheciam quando se referiam ao casamento.

Se as cartas abrem o espaço privado para reconhecimento do historiador, como dissemos no início, parece-nos importante atentarmos para o momento em que as mesmas eram escritas, pois como veremos, tal momento constituía uma espécie de "segundo" de individualidade. Se os historiadores já há algum tempo se utilizam desta documentação, os mesmos se preocupam quase que exclusivamente com o seu conteúdo. Meu objetivo aqui, é tentar apreender estas correspondências no momento próprio de sua constituição, ou seja, um interesse menor com o conteúdo e maior com os pressupostos que colocavam a escrever estes imigrantes que se dirigiram para o nordeste de Santa Catarina a partir de meados do século XIX. Se no século XX conseguiu-se suprimir definitivamente a relação tempo-espaço, podemos dizer que essas cartas de alguma forma ensaiaram uma tentativa de supressão contingente do espaço. Procurarei aqui, me situar no limiar desta tentativa, que como veremos adiante, articulava sob o mesmo princípio e ao mesmo tempo, um exercício de "escrita sobre si" - falar aos outros sobre si - ao passo em que este mesmo exercício se constituía numa espécie de primeiro espaço social, o da intimidade e o da privacidade.

As cartas dos imigrantes que se dirigiam para a colônia Blumenau, remetidas em sua grande maioria para familiares e amigos, se apreendidas no momento de sua constituição, revelam um espaço dentro do próprio convívio familiar e social. Uma espécie de "momento", em que o indivíduo se afastava do núcleo familiar e se afirmava possuidor de uma individualidade. "*Hoje tenho um domingo tranqüilo*", escrevia Teresa Stutzer em 1886[2], *"meu marido e as crianças, menos Eva, já saíram às cinco horas da manhã para assistirem ao culto na igreja de Pomerode e lá devem chegar às dez horas (...) Estou me sentindo só. Eva foi com as duas empregadas fazer uma visita à Sra. F. e assim estou sozinha, aproveito para conversar contigo"*. Momentaneamente, a unidade do núcleo familiar se rompia em nome da individualidade, e os sentimentos em meio a emoção, revelavam o microcosmo individual, articulando-se dentro da própria casa e da família.

De certa forma, podemos dizer que as cartas, a correspondência pessoal dos imigrantes, emerge como um primeiro espaço privado em constituição, fato que podemos perceber, já na grande viagem, na travessia do Atlântico, quando em meio

[2] As cartas escritas por Tereza Stutzer estão publicadas no livro de Gustav Stutzer "O Vale do Itajaí". Utilizamo-nos aqui das cartas traduzidas por Annemarie Fouquet Schünke e publicadas na revista "Blumenau em Cadernos". Tomo XXXIX, n 5, 6, 7 e 8. STUTZER, Teresa. Cartas de Família. In: Blumenau em Cadernos: Fundação Cultural de Blumenau, julho 1998, Tomo XXXIX, n 7. pp. 11-21.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

a uma massa de desconhecidos, o indivíduo se retirava momentaneamente para ter com os seus um breve momento de contato, que dificilmente se encerrava ali, pois era praticamente impossível iniciar e concluir uma carta num mesmo momento. Voltarei a esse assunto mais tarde, pois o que eu gostaria de frisar aqui, neste momento, é que, a escrita de uma carta revelava a constituição de um primeiro espaço social, um espaço de relação consigo mesmo, que inicialmente já é vislumbrável na grande viagem e que mais tarde, com o imigrante já fixado no próprio espaço privado, tende a se expandir.

Na verdade, este momento aparece em harmonia com um grande movimento que vinha se formando na Europa desde a Revolução Francesa. O século XIX difundiu e acentuou o "sentimento de identidade individual". Vários indícios apontam para tal fato que teria como marco, segundo Louis Dumont, *"A Declaração dos Direitos do Homem"*. A ruptura ao tradicional sistema de denominação poderia também ser considerado como um dos elementos representativos para tal fato, através, por exemplo, da crescente dispersão dos prenomes, que insistiam em individualizar e estabelecer cortes com as antigas gerações da família. O uso da agenda pessoal, o surgimento de cartões postais que combinam o retrato individual e carregam o nome e o prenome, são outros elementos que apontam para crescente individualização processada em nossa sociedade no decorrer do século XIX.[3]

Mas se trata de uma individualização categorizada, que ligava o indivíduo a si mesmo através de sua "identidade civil". Assim, a correspondência privada freqüentemente assume a forma de descrição do indivíduo sob tutela da família. A mulher, revelava-se a mãe protetora e a filha prendada; o homem, revelava-se o pai governante e o filho submisso. Poderíamos dizer ainda que tal ligação se constituía neste exercício de escrita sobre si. "*Me magoa muito, que você meu querido pai se preocupa tanto! Por quê?*", perguntava o filho-viajante Hermann Blumenau em carta aos seus pais em 1848. *"Meu bom pai, será que eu mereço esta constante desconfiança? Será que eu sou provido de tanta tolice e cegueira, que não posso agir sozinho? Ou esta desconfiança vem porque às vezes sou extrovertido e exaltado?"*[4]

De maneira geral, poderíamos dizer que este exercício já se iniciava na própria viagem, quando o imigrante constatava pela primeira vez o afastamento pessoal que o separava do espaço do próprio navio. "*A travessia marítima da Europa para o Brasil, quando todos se achavam misturados no navio anonimamente,*

---

[3] CORBIN, Alain. Bastidores, o segredo do indivíduo. In: História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. pp.419-502. DUMONT, Louis. Essai sur l´individualisme, une perspective anthropologique sur l´idéologie moderne. Paris: Seuil, 1983.

[4] BLUMENAU, Hermann. Carta aos pais, no. 9, p. 9. As cartas de H. Blumenau encontram-se no fundo "Família Blumenau" do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS), em Blumenau, e foram traduzidas do alemão por Edith S. Eimer.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

despertava no imigrante a sensação de isolamento. Nome, origem, profissão e tudo o mais que até servira como identificação social e motivo de amor-próprio se diluía nessa nova situação que, aliás, já começava no porto de embarque".[5]

Hermann Blumenau, que em 1846 se dirigiu ao Brasil como "viajante" e representante comercial, dividia seu tempo no navio entre a confecção de relatórios aos seus representados e ao envio de cartas aos seus parentes. A notícia de que o navio que iria levar as correspondências para a Alemanha partiria antes do prazo, impreterivelmente servia como motivo e oportunidade para rapidamente enviar mais algumas palavras para a família. *"Recebi a notícia agora de que o navio, que partiria apenas depois de amanhã, já parte hoje e que as cartas até às três horas terão que estar à bordo. Já são duas horas e só posso comunicar a vocês que cheguei bem a 20 deste mês. Uma carta mais longa, que está semi-terminada enviarei próximo domingo quando partirá um navio com destino a Hamburgo".*[6]

Mas, de certa forma, a maioria dos imigrantes preferia escrever aos familiares somente quando já estivesse em terra firme, e isso não acontecia apenas pelas questões materiais que se impunham aos que viajavam nos navios que transportavam os imigrantes. As cabines individuais, quando existiam, não eram acessíveis a todos. Tais embarcações eram de tal maneira esquadrinhadas a ponto de não permitir grandes aglomerações durante todo o período da viagem. Assim, naquela massa disforme de indivíduos distribuídos pelas classes e compartimentos do navio, podia-se reconhecer e localizar um a um, através das próprias listas de embarque, que reconheciam o imigrante de maneira geral e individualizada. *"Mas agora quero terminar"*, escrevia Minna Hering em 1880 aos seus familiares em plena viagem, *"pois no lugar que disponho para escrever sou jogada de um lado para outro e por isso preciso esperar"*[7]. Se as condições materiais tornavam difícil o exercício da escrita, talvez a falta de um espaço individualizado entre os próprios imigrantes, tornava impossível tal exercício.

Ao contrário do que se dava com a maioria dos imigrantes, por exemplo, o viajante Hermann Blumenau em suas duas viagens que fez ao Brasil no final da década de 1840 – a primeira em 1846 e a segunda dois anos mais tarde, após um breve regresso à Europa – viajou em cabina particular. Se as condições materiais de que dispunha este viajante, diferiam das condições materiais de escrita das que dispunham os imigrantes, os elementos que os levavam a escrever, de modo algum diferiam. *"Apesar de ter terminado neste momento uma carta à vocês, não posso*

---

[5] RENAUX, Maria Luiza. As Falsas Europas: Colônias Alemães no Sul do Império. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.). História da Vida Privada no Brasil: Império. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. pp. 317-355. (História da Vida Privada no Brasil; 2).

[6] _____. Carta aos pais, no. 3, p.1

[7] HERING, Mina. Carta aos familiares. Lisboa, 25 de junho de 1880. Apud RENAUX, Maria Luiza. O Outro Lado da História: o papel da mulher no Vale do Itajaí1850-1950. Blumenau: FURB, 1995. p.55.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

deixar de dirigir a vocês algumas palavras que vêm de dentro do coração. O que fazes, como vais em casa com o pai e com Minna, estás mais satisfeita, mais animada e passas melhores dias que antigamente? Deus o permita. Se soubesses quantas vezes penso em você! Não passa um dia em que não me lembro de teu amor e cuidado materno, e se você pudesse me responder cada vez que quero falar com você! Em alto mar não passava um dia que não estivesse perto de você. Agora no entanto, a cabeça zoa e a noite estou exausto, não posso falar muito com você. Especialmente no mar, doente no convés ou na minha cabine mal cheirosa, eu palestrava muito com você..."[8]

Assim, da mesma maneira em que a distância poderia ser suprimida, ela, através da memória poderia ser reproduzida, principalmente em datas como a páscoa, o natal, o ano novo e outras. Através de alguns elementos simbólicos - neste caso, os diversos signos utilizados nestas comemorações - somados ao uso da memória, revitalizadora e deformadora dos espaços de sociabilidade dantes navegáveis, de certa forma, conseguia-se reproduzir o próprio espaço perdido com a distância. *"Muito bonito foi o segundo dia de pentecostes, quando fiz chocolate quente que ninguém sabia fazer e desde Hamburgo fumei o primeiro charuto, pois me sentia bastante bem e pensava em vocês em Hasselfelde, nas bonitas e confortáveis saletas, bem como meus pensamentos estavam em Ottenhausen, Biesenrode e Braunschweig onde vocês talvez estivessem".*[9]

Assim, as datas comemorativas terão, principalmente após o estabelecimento dos imigrantes, a função clara de reinscrevê-los, num movimento circular, sazonal, renovado anualmente, no espaço social em que eles não mais figuravam. As "xícaras de chocolate" ritualmente saboreadas para marcar a passagem do ano novo, principalmente nos primeiros anos da imigração para a Colônia Blumenau, servem como exemplo.[10] Dupla função da memória: ao passo em que ela possibilitava a supressão da distância, ela servia como elemento de re-territorialização do próprio indivíduo. As novas situações que consecutivamente vão se impondo ao imigrante dificilmente se impõem como possibilidade do próprio imigrante se despreender da "identidade civil". Conforme as novas situações se colocavam diante do imigrante, a memória rapidamente tratava de inscrevê-los, de reterritorializá-los dentre os elementos que constituíam a própria individualidade do imigrante. Assim, tais situações ao se apresentarem como possibilidade de "escape" do imigrante do espaço que os constituía, eram, através da memória, sub-repticiamente inscritos neste próprio espaço, numa espécie de jogo de "recolonização" da própria subjetividade.

---

[8] BLUMENAU, Hermann. Carta à mãe. 21 de abril de 1848. No. 10. p.1

[9] Idem, p.1

[10] Cf. MÜLLER, Fritz. Carta a sua irmã Rosinha. Colônia Blumenau, 06 de janeiro de 1853. In: Blumenau em Cadernos – Tomo XXXVIII, no. 5, maio 1997. p.45

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Um exemplo claro desta situação está nos "objetos de lembrança" trazidos pelos imigrantes que materialmente poderiam variar em inúmeras formas, como por exemplo "o retrato". O retrato da família do imigrante Julius Baumgarten, por exemplo, colocado na parede da sala, provavelmente próximo de alguma imagem sagrada, onde a figura do pai protetor aparece entre os filhos, renovava a cada dia os votos de reverência do filho distante; ainda, o olhar compenetrado e distante do pai, convida o observador passante ao não esquecimento, ao ritual cotidiano da lembrança que tem sempre, em últimos casos, uma função de reterritorialização. É ainda na sala, sob o olhar vigilante do pai, que se palestrava com os visitantes sob os mais diferenciados assuntos que não fossem propriamente os da intimidade reservada.[11] Após "três dias de chuva que fizeram o rio Itajaí passar às margens", Julius Baumgarten escreveu à seu pai. *" A água estava quatro pés de altura em minha casa e meus objetos foram perdidos. Mas imaginem vocês, os retratos de vocês ficaram intactos e hoje, além da minha querida Gretchen são vocês a minha alegria."*[12] "Objetos de lembrança" que, assim como as próprias recordações, eram impossíveis de serem destruídos, até mesmo pelas maiores catástrofes.

A chegada à terra firme, ou mesmo às proximidades da costa, demandava sem atrasos o despacho de possíveis cartas escritas no navio, assim como a confecção de cópias de relatórios e ofícios a autoridades, e a própria escrita de cartas a parentes sobre as impressões obtidas da viagem. A alguns, tal fato se fazia necessário, assim como a outros, talvez fosse impossível escrever alguma coisa, pois, da longa viagem possivelmente não tivessem tido qualquer impressão.[13] Já os relatórios eram freqüentemente copiados sob o mais rigoroso sigilo e, talvez, neste ponto, pelo próprio segredo que os cercava, a sua oficialidade pudesse ser reduzida a privacidade das correspondências pessoais, pelo menos no que diz respeito ao sigilo, de um lado, e pela privacidade das informações, do outro. Até mesmo técnicas que resguardassem tal sigilo com maior segurança eram, em últimos casos, utilizadas. Hermann Blumenau, por exemplo, em 1846 prescrevia a seu cunhado como ele deveria agir em relação aos relatórios e ofícios que deveriam ser remetidos a autoridades na Alemanha. *"Fazem oito dias que te enviei uma carta com duas folhas à parte e espero que as tenha recebido. Anexo várias cartas e resina de palmeira ou carnaúba; do último pega cerca de 1/3 e junto com a cartinha que fecharás com lacre e enviarás ao Dr. Herzog. O restante envia com as cartas para Sturz*

---

[11] Cf. BLUMENAU, Hermann. Carta ao Superintendente Baumgarten em Lichtenburg Braunschweig. Colônia Blumenau, 12 dez 1853. p.4

[12] BAUMGARTEN, Julius. Carta ao Pai. Colônia Blumenau, 07 dez 1885. p. 1. As cartas de Julius Baumgarten se encontram no fundo "Família Baumgarten" do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, e foram traduzidas do alemão por Edith S. Eimer.

[13] O imigrante Gustavo Stutzer, por exemplo, escreveu que pessoalmente não recordava de nada do que se passara durante a viagem, pois havia "dormido dia e noite". STUTZER, Gustavo. *O vale do Itajaí e o Município de Blumenau.* p.16. Apud, RENAUX, 1995. p.53

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

e Wenzel, depois que lacraste bem com o sinete (emblema), para que não possa ser aberta, principalmente a carta para Sturz. Enrola num jornal e remete com o pacote.

Se quiseres lê as cartas e depois recoloca no envelope e lacra.

A primeira folha da carta a Wenzel podes dar para ler também ao Dr. Herzog, mas ele precisa devolver no mesmo dia para despachar as cartas. Na carta para Sturz exagerei um pouco, mas mesmo foi preciso, eu o tenho mais no bolso do que ele a mim. Mas seja discreto e não comentes coisas que possam prejudicar-me. Se não enxergas bem, passa sobre a escrita um pouco de nanquim diluído em água ou terebentina e as letras surgirão claras e precisas.

Muito agradeceria se tu mandasses copiar a carta para Sturz, bem como o relatório para que futuramente possa servir para mim como comprovante o que sempre é bom. Mas este copiador precisa também ser um homem discreto ou um bobalhão que não entende do que se trata. Seria horrível para mim se alguém copiasse talvez as cartas para si e as passasse adiante depois. Ele deveria escrever portanto em tua casa ou sob controle."[14] Neste sentido, volto a insistir, entre a confecção sigilosa dos relatórios e ofícios e a confecção privada e íntima das correspondências pessoais há, não digo convergência, analogia ou similitude, mas um certo número de contatos importantes.

Não fora por coincidência que em 1848, dos 23 "Artigos" estabelecidos entre a "Companhia Protectora de Emigrados Alemães" e a Província de Santa Catarina, e que, a partir de então, pretendia normatizar a imigração alemã para esta província, estivesse estampada a preocupação, de não permitir que as correspondências oficiais e privadas, que seriam destinadas para as colônias desta província e as que delas saíssem, ficassem sob os auspícios de qualquer instância administrativa brasileira.[15] Tal preocupação não se dava pelo fato desta Companhia acreditar que os imigrantes não conseguiriam manter em sigilo informações que deveriam ser mantidas fora do alcance do governo brasileiro. Ao contrário. Ela se remete ao fato de tal Companhia querer justamente preservar este exercício de escrita sobre si, para estes imigrantes – o que quer dizer também incentivar e até impulsionar – e ainda manter sob sua gestão a própria efetivação destas trocas, o que em outras palavras quer dizer, gestionar ou governar os indivíduos em sua própria individualidade. Assim, toda a correspondência que entrava e saía das colônias teria que necessaria-

---

[14] BLUMENAU, Hermann. Carta ao cunhado Goetter. Sem data e local. O Sr. Kleine, responsável pela existência desta cópia, diz ser esta carta a 8ª mandada por Hermann Blumenau a seus parentes e que provavelmente fora escrita no Rio de Janeiro em 23 de setembro de 1846.

[15] "Artigos Fundamentais para o estabelecimento de Colônias de Alemães na Província de Santa Catharina. Desterro em 16 de março de 1848. AHJFS, p.02-15. "Art. No. 11- As cartas para os colonos vindos de Hamburgo em navios de Companhia e as que eles para ali dirigirem do mesmo modo são isentas da parte do correio; tanto umas como outras deverão ser remetidas às respectivas juntas da Companhia, para fazê-las entregar às pessoas, a que forem endereçadas."

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mente passar pela mão dos diretores destes núcleos e desta forma, tais correspondências serviam como dispositivo de controle do fluxo de informações que entravam e saíam da Colônia.

Julius Baugarten escrevia ao seu pai, no final de 1853, como havia tomado conhecimento da última remessa de correspondências que acabara de chegar. *"A sua primeira carta tão esperada por mim, finalmente chegou no dia 11 deste mês após 76 dias de viagem. Foi um dia chuvoso que resolvi ir até os Kellner. A monotonia do dia me levou a isto ou talvez um pressentimento. Não encontrei nenhum dos Kellner em casa e resolvi ir até a casa do Dr. Blumenau. Este, na porta já me recebeu com um largo sorriso. Desconfiado fui até sua escrivaninha onde encontrei a remessa postal."*[16]

Pouco útil seria para nós aqui especularmos sobre uma possível violação das correspondências recebidas pela direção da colônia Blumenau, com o objetivo de tomar conhecimento da intimidade e dos segredos dos imigrantes, mesmo porque a direção da Colônia não teria por objetivo "conhecer o conteúdo" de tais correspondências, mas sim controlar os próprios vínculos que se estabeleciam entre os moradores da Colônia com pessoas e instituições exteriores a ela. O fato é que tal possibilidade não passava de mera hipótese rapidamente descartada entre os imigrantes, pois, necessariamente, as cartas enviadas eram respondidas, o que reafirmava entre eles a suposição de que a direção da Colônia não estabelecia empecilhos quanto as informações que nelas estivessem vinculadas. O imigrante Julius Baumgarten, por exemplo, não só acreditava em tal fato, como se orgulhava de poder contar com essa tranqüilizante prerrogativa da qual dispunham os imigrantes na Colônia Blumenau, o que segundo ele, não acontecia da mesma maneira na vizinha Colônia Dona Francisca. *"É sabido que a direção faz a violação de toda a correspondência, permitindo apenas chegar ao destino aquelas cartas que fazem elogios da Colônia, as outras são queimadas."*[17] No Brasil, somente no final do Império, em 1888, a garantia da inviolabilidade da correspondência privada seria garantida por lei. *"O segredo das Cartas é inviolável, qualquer que seja o poder publico que pretenda devassá-lo, e qualquer que seja o fundamento ou pretexto allegado".*[18] Tal garantia legal possivelmente não se efetivava enquanto garantia prática, mas, de qualquer forma, este fato aponta para concretude deste espaço íntimo da escrita sobre si. Crianças, mulheres e internos de instituições ainda levariam um bom tempo para usufruir deste direito.

Mas, confianças, desconfiaças e inseguranças à parte, o recebimento de uma correspondência se constituía em um acontecimento que rompia momentanea-

---

[16] BAUMGARTEN, Julius. Carta ao Pai. Colônia Blumenau, 12 de dezembro de 1853.
[17] BAUMGARTEN, Julius. Carta ao Pai. Colônia Blumenau, 26 de outubro de 1853.
[18] "Decreto no. 9912 A - de 26 de março de 1888, Reforma os Correios do Império. Collecção das Leis do Império do Brazil de 1888. Parte I, Tomo XXXV - Parte II, Tomo LI. Vol. I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mente com a vida cotidiana do imigrante. A ansiedade por novas notícias, assim como a expectativa em torno dos comentários suscitados pela última correspondência, marcavam este momento. Houve, por exemplo, o caso de um imigrante que, ao saber da chegada das correspondências na direção da Colônia, quando caía um forte temporal na região, decidiu não esperar mais e para lá se dirigiu com sua canoa, que acabou virando quando o mesmo estava atravessando o rio Itajaí-açu, levando a morte tal imigrante.

Ao recebê-las, poder-se-iam lê-las no mesmo momento, na frente de muitos, mas uma leitura mais atenciosa sempre era reservada ao espaço privado, quando muitas vezes ficava-se imaginando os próprios destinatários reunidos em torno das "boas novas", como se atesta na correspondência de Julius Baugarten. *"As cartas que vocês escreveram em fins de outubro, recebemos felizmente em princípio de janeiro. Todos ficamos muito contentes e agradecemos de coração. Muito contente fiquei ao saber que eu vos alegro com minhas cartas e que vocês gostam de ler as mesmas repetidas vezes."*[19] Segundo movimento de supressão da distância. Assim como a escrita, a leitura da correspondência acabava na tentativa de redução da distância entre o leitor e o conteúdo da própria carta. *"Quando você receber esta carta, certamente já será janeiro e o tempo bastante frio. Lembre-se porém que estarei sempre presente nas reuniões familiares. Meus pensamentos estarão igualmente com vocês no natal."*[20]

Neste sentido, esta prática de leitura das cartas como uma tentativa de supressão da distância, coloca-nos um primeiro problema. Muitos dos elementos que compunham as narrativas destas cartas eram de conhecimento dos próprios imigrantes, como lugares e pessoas por exemplo, enquanto que outros teriam que ser constituídos pelo próprio imaginário do leitor. Ora, ao passo que o tempo ia passando, estes elementos anteriormente conhecidos pelo imigrante iam se transformando, assim como, da mesma forma, a própria memória ia se encarregando de transformá-los. Concomitantemente, porém, os elementos descritos nas cartas continuavam a ser vinculados sem alterações semânticas, o que de certa forma causava a impressão de sempre se tratarem dos mesmos elementos. Daí impõe-se o problema: até que ponto, com o transcorrer da escrita destas correspondências, as mesmas não vieram a se tornar narrativas puramente ficcionais? Ou ainda: até que ponto seria conveniente continuar avaliando-as como, de um lado narrativas ficcionais, e de outro como "retratos da realidade" da Colônia Blumenau? Perguntas que sem dúvida emergem do âmago da problemática histórica e que necessariamente terão que passar suas repostas por outras disciplinas. Porém, não cabe a nós aqui tentar respondê-las e sendo assim retornemos ao ponto em que havíamos parado.

---

[19] BAUGARTEN, Julius. Carta ao Pai. Colônia Blumenau, 25 de janeiro de 1885.
[20] _____. Carta ao Pai. Colônia Blumenau, 25 de outubro de 1853.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ora, o ato de "escrever sobre si", essa espécie de confissão formal assinada, que vemos na correspondência dos imigrantes, podia causar variavelmente, ainda, angústia e cansaço. Angústia, medo, como quem ao confessar um erro e assumir a "verdade" pede absolvição da culpa. *"Eu sempre encaro com medo a hora que preciso escrever-lhe, não que eu não gosto de escrever, mas sim por ter que dar notícias tristes já que não posso nem devo esconder alguma coisa de você e somente escrever a verdade nua e crua, seja ela triste ou alegre."*[21] Cansaço, monotonia, ao ter que escrever sobre outros assuntos que não sobre si mesmo; escrever sobre outros assuntos somente quando eles forem demandados especificamente, pois do contrário, eles acabam por se esgotar. *"Quase não teria tempo para escrever a vocês nesta remessa postal, mas imaginando como ficariam tristes em não receber notícias, resolvi escrever (...) Em verdade nem sei o que há de interessante para escrever, pois escrever sempre a respeito dos delicados colibris e dos macacos, com o tempo torna-se monótono. Todos os meus conhecimentos esgotaram-se nas 3 cartas anteriores e só terei nova motivação se vocês formularem perguntas."*[22]

De qualquer forma, nessa pequena história da "escrita sobre si", vinculada à correspondência dos imigrantes alemães que se dirigiram para a província de Santa Catarina a fim de se estabelecer na colônia Blumenau, impõem-se ainda outras questões que por si só mereceriam uma atenção especial. Primeiramente no que diz respeito aos imigrantes que não dominavam a linguagem formal e por decorrência não poderiam exercer tal prática. Poderíamos considerar que estes imigrantes não compartilhavam de tal prática? Inicialmente, cabe a constatação de que os imigrantes que se dirigiram à Colônia Blumenau nos primeiros anos da década de 1850 – se considerarmos a relativa quantidade de cartas e documentos produzidos assim como a entrada de livros na Colônia – eram alfabetizados. Possivelmente, com o aumento da imigração, principalmente com a vinda de imigrantes das áreas rurais da Alemanha, o número de analfabetos tenha aumentado. Em 1890, num censo realizado em Santa Catarina a fim de se obter os índices de instrução no Estado, averiguou-se que 80,4% da população era analfabeta. Já em Blumenau, este mesmo índice se reduzia para substanciosos 59,3% de analfabetos.[23] Porém, questões como estas eram efetivamente tratadas como um problema, visto que os investimentos que havia em favor da construção de escolas comunitárias, que partiam não apenas da direção da Colônia, mas dos próprios moradores das localidades mais retiradas. Poderíamos dizer que havia uma "economia educacional" efetivamente regularizada

---

[21] BAUMGARTEN, Julius. Carta ao Pai. Colônia Blumenau, 09 de novembro de 1853.

[22] _____. Carta às irmãs Marie e Emilie. Colônia Blumenau, 09 de novembro de 1853.

[23] FONTES, Henrique. A instrução em Santa Catarina (1916). Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis, vol. VII, 3° trimestre, 1918. pp. 235-237. Desde meados do século XIX estes índices vinham diminuindo em Santa Catarina. Em 1872, 85,3% da população era analfabeta; já em 1900, apenas 74,3%.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

na Colônia Blumenau desde sua constituição - basta lembrarmos que já em 1853, mesmo antes da construção de qualquer templo sagrado, ou vinda de qualquer religioso para a Colônia, já estava em construção uma escola para qual já se dispunha de um "professor formado"[24]. Neste sentido, pode-se acrescentar ainda, os próprios investimentos que a Igreja evangélico-luterana fez para a constituição de escolas, objetivando manter a confessionalidade[25]. Ora, este tipo de investimento pode ser perfeitamente compreendido como, não apenas possibilitador, mas também como prescritor desta política de escrita sobre si.

Mesmo assim, não devemos nos iludir: a educacionalização da sociedade não era alguma coisa que se acreditava possível e não se constituía em uma política efetiva. Ainda por vários anos, existiriam aqueles imigrantes que não disporiam desta prática. Na Colônia Blumenau, não saberíamos dizer até que ponto houve imigrantes que, apesar do desconhecimento da linguagem formal, foram envolvidos por este exercício a tal ponto de se sentirem levados a praticá-lo. Na vizinha Colônia de São Bento, sabe-se que de alguma forma tal questão fora resolvida, a julgar pelas correspondências encontradas nos arquivos do imigrante Josef Zipperer Senior escritas para outros imigrantes e que por algum motivo não foram remetidas ao seu destinatário (as mesmas poderiam ser apenas cópias ou rascunhos). Os filhos de Josef que organizaram a 3ª edição do seu livro de reminiscências em 1935, inseriram como apêndice tais correspondências, uma, por exemplo, escrita em 1879 à pedido dos imigrantes poloneses Josef e Magdalena Jelinski. Segundo consta a estes organizadores, Josef Zipperer escrevia muitas cartas para imigrantes que em sua maioria eram analfabetos.[26]

Em segundo lugar, devemos considerar este problema no que diz respeito ao recebimento de correspondências entre as mulheres e as crianças, principalmente entre as primeiras. O controle das correspondências, não só as que essas recebiam, mas também as que escreviam, por parte do marido, iria se estender ainda pelos anos no decorrer do século XX. Ora, este fato nos leva a concluir que entre as mulheres o exercício de escrita sobre si, ficava submetido à tutela do marido. De qualquer modo, tal fato, apenas em última instância tornaria mais difícil este exercício entre as mulheres, mas não definitivamente impossível.

---

[24] BLUMENAU, Hermann. Terceiro Relatório sobre a Colônia Blumenau. Cidade do Desterro, 18 de janeiro de 1853. In: Blumenau em Cadernos. Tomo I, no. 3. p. 45.

[25] KLUG. João. A Escola Teuto-Catarinense e o Processo de Modernização em Santa Catarina - A ação da Igreja Luterana através das escolas. São Paulo, Universidade de São Paulo, Tese de Doutoramento em História Social, 1997. 261p.

[26] Tal livro de reminiscências fora traduzidos em 1951 e publicado em edição bilíngüe. ZIPPERER Sen., Josef. São Bento no passado. Curitiba: Tipografia João Haupt e Cia, 1954. pp.72-73; 186-187. É muito interessante o resultado deste encontro lingüístico entre o ditado do texto pelos imigrantes poloneses e sua transcrição por um imigrante boêmio, conforme se percebe no texto original da correspondência.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Por outro lado, o afastamento do marido do seio familiar por um longo período possibilitava às mulheres o estabelecimento de novos vínculos e relações que invariavelmente possibilitavam a prática do exercício de escrita. Dentre os pedidos de divórcio impetrados em Blumenau na virada do século passado "por motivo de traição", as cartas surgem como prova aos advogados–procuradores que pretendem comprovar a existência de algum relacionamento íntimo fora do "leito conjugal". Fatos como este causavam constrangimento a todos, justamente por trazerem ao domínio público a mais íntima privacidade – de certa forma, a própria quebra desta privacidade, deste segundo de individualidade. As cartas que os maridos distantes enviavam para suas esposas, da mesma forma, serviam como "prova" de que os mesmos ainda estavam por perto, ou seja, as próprias correspondências apareciam como elemento substancial para comprovar que o marido de modo algum esteve distante durante o período em que as mesmas estavam datadas, numa espécie de legitimação jurídica da supressão do espaço.

O controle da correspondência também poderia acontecer com as crianças. Não que elas mantivessem considerável correspondência, mas em determinados momentos tal fato poderia se fazer necessário, como por exemplo ocorreu no início do século, no processo de separação entre o comerciante Christian Eugen Currlin e sua esposa Wilhelmina Emma Currlin. Após anos de ausência do comerciante que estava na Europa a serviço e com descoberta pela esposa que o mesmo havia se relacionado com outras mulheres, Wilhelmina decidiu trazer para sua casa um outro homem com quem pretendia constituir nova família. Como os mesmos ainda não estavam separados, tal fato causou maiores constrangimentos na sociedade local, não sendo aceito inclusive por sua filha mais velha. Nos primeiros meses ela trocou algumas correspondências com o pai que estava na Europa e utilizou de numerosos artifícios para que os irmãos, a mãe e todos os habitantes da casa não descobrissem que ela estava mantendo contato com o pai. Sempre escrevia à noite, antes de dormir, trancada em seu quarto, atenta a qualquer aproximação. Outras vezes, escondia-se debaixo das escadas para que ninguém pudesse saber o que fazia ou por onde andava. As cartas, seu pai enviava a um amigo por onde ela passava invariavelmente – sempre após as aulas de língua para não chamar a atenção da mãe – na ansiedade de alguma novidade. Era esse amigo também o responsável pelo envio das mensagens a seu pai. Havia ainda a preocupação de guardar as cartas longe do alcançe de seus familiares. Nestas cartas, a filha confessava os infortúnios do coabitar na mesma casa onde se praticavam as "maiores ofensas" ao nome de sua família. Confessava em segredo ao pai, o que considerava os pecados da mãe, sempre preocupada em demonstrar-lhe que o "cheiro de enxofre do pecado" que pairava no ar de sua casa, de modo algum deixava nela alguma marca.[27] Mulheres e crianças,

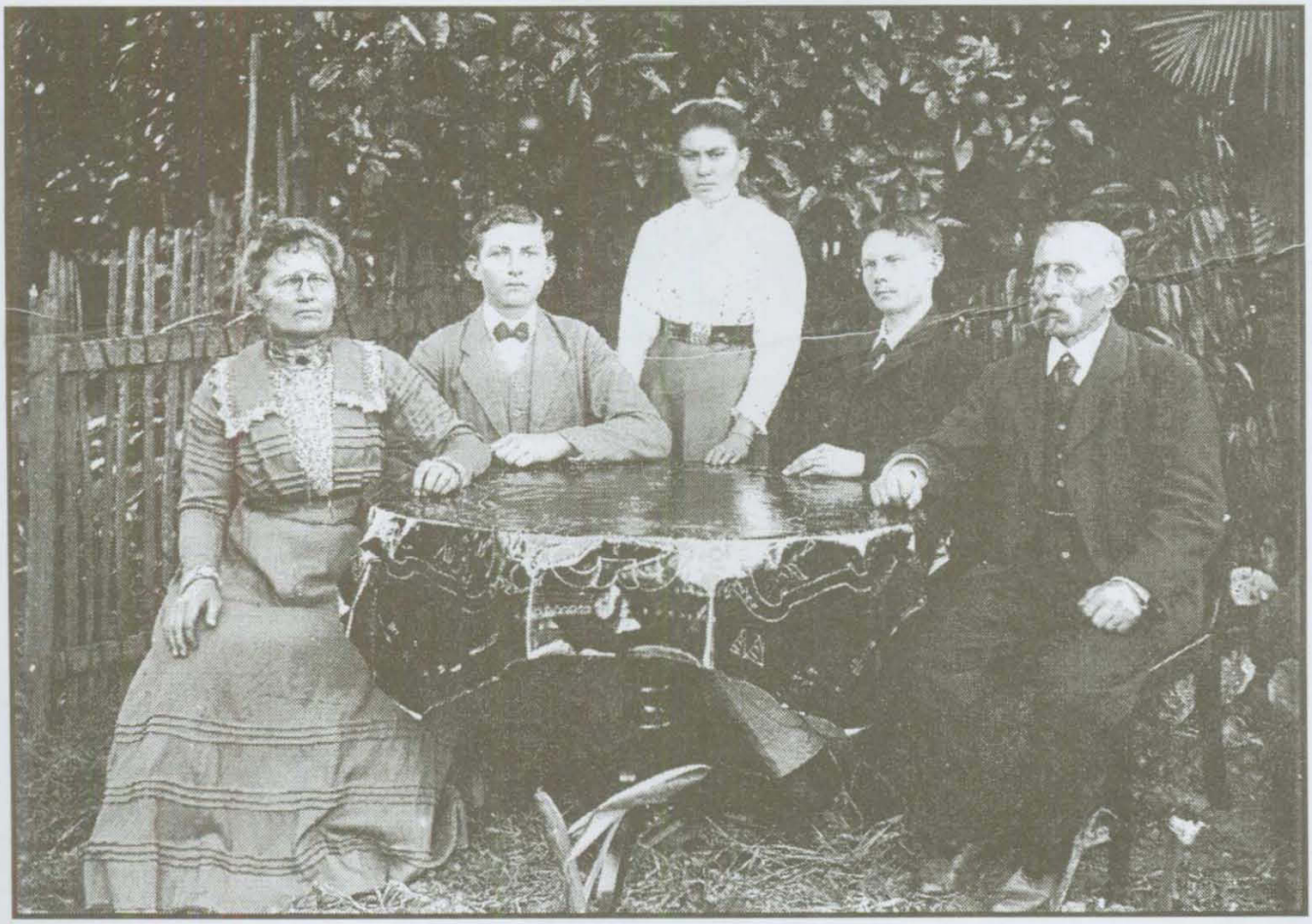
[27] "Pedido de Divórcio de Christiam E. Currlin de sua esposa Wilhelmina E. Currlin". Blumenau, 9 de setembro de 1902. Coleção de Processos Judiciários do AHJFS, Caixa no. 4, processo no. 169, fls. 97-119.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

como disse anteriormente, demorariam ainda um bom tempo para se sentirem autorizadas a usufruírem desta prerrogativa que os homens já algum tempo se utilizavam sem o menor constrangimento.

Assim, lentamente ia se constituindo esse espaço entre os imigrantes, um espaço que vale lembrar, geograficamente não se encontrava localizado e estaticamente posto em algum lugar. Cartograficamente, procurei apontar para um certo número de "lugares" em que contingentemente tal espaço se constituía sempre numa espécie de imaterialidade fluída. Um espaço sob o qual as práticas de escrita, mas também de leitura - e dizer de escrita e de leitura é falar de lembrança, é falar em reterritorialização – de alguma forma se desenrolavam, sempre na iminência de afirmar um certo tipo de individualidade. Neste espaço imaterial circulava um certo número de práticas. Procurei, nestas poucas linhas demonstrar como, antes mesmo de atentar para a possibilidade de adentrarmos através das cartas no espaço privado, faz-se necessário compreender em que situações tais possibilidades eram produzidas.



Família Prinz – imigrantes estabelecidos na Ponta Aguda

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Meu tipo inesquecível*

TEXTO:

*URDA ALICE KLUEGER**

Ele nasceu no finalzinho do século passado, e seu sonho era o de viver em três séculos diferentes. Com o maior bom humor, planejava alcançar o ano de 2.000, coisa difícil, que acabou não dando certo, mas que o fez sonhar muito.

Seu Frederico Kilian tinha 54 anos quando eu nasci, mas só fui conhecê-lo quando ele já passara dos oitenta. Era um homem pequenino e baixinho, que parecia ter encolhido com a idade. Como não o conheci quando mais jovem, fiquei sempre com a impressão de que encolhera mesmo.

Seu Frederico Kilian me deu a maior lição de vitalidade e de amor à vida que jamais tive. Lúcido, alegre e brincalhão quase até o fim, cheio de incontestável energia física, ele me impressionou desde o dia em que o conheci. Fiquei a observá-lo com muita atenção por algum tempo, até que nos tornamos amigos. Que amigo que era seu Frederico! Beirando os noventa anos, tinha um pique difícil de acompanhar. Todas as tardes podia-se encontrá-lo a caminhar pelas ruas, no seu passinho ágil e miúdo, sempre com destino certo.

– Para onde vai, seu Frederico?

Ia sempre visitar alguém, e parava para me contar que na véspera visitara o amigo tal, que tivera um derrame e estava paralítico, e abanava a cabeça com pena:

– Os meus amigos estão acabando! Quase todos estão doentes ou morreram!

Era uma constatação lúgubre, normal na avançada idade dele, mas ele não se deixava abater. Mudava logo de assunto:

– Hoje à noite....

Sempre tinha um plano para a noite, depois da visita da tarde. Comparecia a todos os coquetéis, vernissages e outros eventos que acontecessem na cidade.

---

* Escritora e membro da Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Eu freqüentava os mesmos ambientes que ele, e nas festas, abismava-me com seu pique: se havia uísque, ele bebia uísque; se havia vinho, ele bebia vinho; se havia cerveja, ele bebia cerveja, e assim por diante, numa demonstração de vitalidade que a gente julga presente só nos jovens.

Nas manhãs, ele trabalhava. Exercia sua antiga profissão de fazer inventários, fazia traduções para a revista Blumenau em Cadernos, escrevia textos. E era galante o nosso velhinho, ah! Como era! Não perdia manifestação pública, e lembro bem da Copa do Mundo de 1986, quando, numa das primeiras vitórias do Brasil (só houve as primeiras, mesmo), eu fui com minha turma festejar no carnaval que, aqui em Blumenau, acontece na Rua XV de Novembro. Seu Frederico Kilian, com seus 88 anos, lá estava no carnaval do Brasil, dançando e fotografando. Dançou samba comigo no meio da rua, num arrasta-pé que abriu a roda e fez todo o mundo por perto aplaudir. Agradeceu, depois, a "marca", como se estivesse em elegante salão de baile.

Ele gostava da minha companhia, e, galantemente, convidava-me para festas mais solenes, aos sábados, onde íamos de braços dados. Tenho fotografias dessas ocasiões para lembrar-me com saudade.

Mais que ninguém, seu Frederico gostava de viajar. Beirando os noventa anos, decidiu fazer viagem em navio de turismo até o extremo sul da América do Sul. Era um mês no mar e a família julgou que voltaria morto. Preocupados, os familiares sequer o deixaram voltar com navio até Santos: foram de carro, buscá-lo no porto de Rio Grande/RS. Esperavam encontrar lá um velhinho derreado, mas seu Frederico saltou do navio lépido e faceiro, delirantemente aplaudido por todos os passageiros. Tinha sido eleito o passageiro mais simpático, tinha gravado entrevistas com todo o mundo do navio, e, ah! Ele delirava ao contar! Num baile à fantasia, fantasiara-se de beija-flor para poder beijar todas as moças! Assim era seu Frederico!

Depois dos noventa anos, ainda fez muitas viagens. Creio que a mais ousada foi ter ido conhecer o Egito, e se aventurado a andar de camelo, lá pelos 92 anos. A família já não o deixava viajar sozinho, e a gente via que aquilo não lhe agradava muito.

Ele faleceu nos primeiros dias de 1995. Só baixara a bola nos últimos meses, e quando o vi pela última vez antes da sua morte, ele ainda estava planejando escrever um romance. Contou-me todo o enredo do romance, sobre uma moça que se suicidara em Blumenau no final do século passado. Talvez, algum dia, eu escreva o romance por ele.

Seu Frederico Kilian sonhava em viver em três séculos diferentes, e não conseguiu. Mas como viveu intensamente os 96 anos de vida que Deus lhe deu! Quero, um dia, ser uma velhinha como ele!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Verbetes para a História Catarinense

O português José da Silva Paes

Texto:

*THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ**

1- A águia heráldica além de desenho

Ler os símbolos do estado de Santa Catarina, é tomar lição ou revitalizar conhecimentos: a águia segurando nas garras uma chave e uma âncora, além de ser grafismo técnico heráldico superior e comunicador de altivez, é exigente de informação sobre a chave e a âncora no fazimento de cruzamento. A águia exibe no peito o escudo português com a legenda "17 de novembro de 1889". O desenhista José Maria dos Santos pôs talento e alma realizando o pensamento de Henrique Boiteux (1862-1945). Exceto o aplicado nos símbolos do Rio Grande do Sul, os símbolos catarinas expressam momentos históricos relacionados com a geografia. Se é agradável ao interessado penetrar na genealogia dos catarinensismos: ricos na autenticidade de serem únicos. – Digamos ímpares! São como os do estado de Pernambuco requerentes exigentes de conhecimento da História.

A visualização apoia ou até entendamos que explica. Entretanto! – O ver a chave e a âncora cruzadas ficará apenas na retina se não dominar conhecimentos de geografia física e a história colonial. – O corpo, a alma e a vida desta federada unidade brasileira tem pluralidade polifórmica sem ser estrangeira: a geografia fê-la assim e as acontecências editaram a História. E com a criatura humana no caldeirão das imponderabilidades, ajustou-se esculpida e esculpindo gerações padronizadas nos Catarinensismos. O padrão não saiu de forma, nem de prensa, nem de forno, quem o elaborou com a autoridade despótica foi telurismo autóctone. O catarinense é o produto de uma geopolítica.

* Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira nº. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

As aglomerações catarinas são fecundações regenciadas pelo poder do Atlântico. – Via navegações roteiradas, ali por causa dos interesses mundiais, quando ingleses e espanhóis rapinavam no Código do mais forte, no qual também os franceses presentes estavam. E os germânicos? – Estes ficam para o capítulo da próxima oportunidade.

2- Portos, portos e portos como portas escancaradas

Ali a "Baia Babitonga" (São Francisco do Sul, SC) tanta beleza caprichosa e selvagem no ontem colonial; nela desembarcaram os emigrados para Dona Francisca de 1851. As duas baías construtoras da ilha de Santa Catarina; e o porto mais ao sul avançado com topônimo espanhol: Laguna. Porto da República catarinense de forte contágio **"Farroupilhas"** (Os republicanos fizeram catapulta do chão do porto e na história ficaram indefinidamente. Deste embarcadouro pelos tempos de 1700 aos magotes nos porões como feixes de varas saíram prisioneiros os Carijós para o mercado de escravos de Santos, SP). Então portos domésticos: na gíria dos navegantes paradas de cabotar, estão nos velhos jornais "Imbituba, SC", "Garopaba, SC", em "Porto Belo, SC", o fundeadouro "Caixa d'Aço". A vida marítima vivia a gente da marítima vida com escama de peixe entre os dentes nicotinados; escamas de peixe como madrepérola no sonho da criança. Criança produto da sina rubricada pela geografia litorânea. E litorâneo também o rio Tijucas tem vez. Quem me deu informação estendida foi o tijucano que Blumenau conheceu sendo fiscal da Fazenda e futibólogo de vanguarda Sebastião Cruz. Via a foz desse rio que os Gallotti viram, que os Baier amaram, já sem as embarcações do comércio e doutros transportes necessários. E como necessariamente os paulistas bandeirantes por ele subiram. Fixado o tenho na memória por causa das leituras incontáveis in **"Primeira página da colonização italiana em Santa Catarina"** (1939). – A carta de madame Marie Magdaleine Anastacio Bouquet Boiteux mandada para o filho Henrique Carlos Boiteux. Ela no Rio de Janeiro e ele assentado comerciante em Tijucas, SC. Às vezes das minhas releituras desta carta não as contei: toda vez que os olhos ponho no manso rio civilizador relembro a peça literária que é a carta.

Se o rio Itajaí-Açu desce faz o porto antes da barra onde fica a foz. Desde o carijó na piroga e depois o veleiro quando todos os portos abertos como o visconde de Cayru pensou franqueou o entrar e sair: por este porto entraram os emigrados de 1850. E por ele saíram as intimidades catarinenses navegantes fluviais. Tal natureza geográfica ingênua e sedutora mostrava-se incauta ao naturalista, ao viajante, e também ao pirata e ao invasor.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

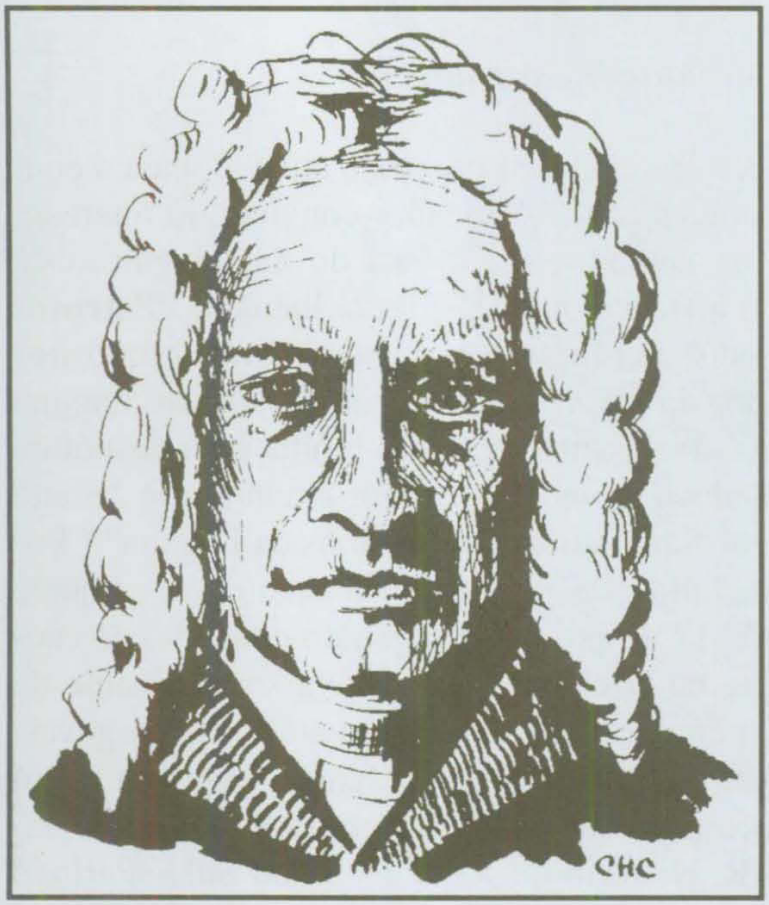
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

3- Preparador da Herança

Viu assim ou mais que assim, exatamente, por ser português e brigadeiro de infantaria. E mais ainda como pela vida de Brasil iniciada com 56 anos de idade, e também envolvido com a inteligência respeitável do Conselho Ultramarino. O que antes está dito vem intrinsecamente, com os uniformes da bibliografia do brigadeiro de infantaria **José da Silva Paes** (1679 – 1760). Na memória brasileira deste Brasil sul, no qual o espanhol aparece sendo participante, para cá de São Paulo, SP., até nas margens do rio da Prata. **Que naqueles tempos jamais foram plácidas: espanhóis e português, politicavam ambições internacionais no contraditório e armados**. (Pardas sombras interesseiras a Inglaterra e a França, jogavam pauzinhos)

4- O estratego José da Silva Paes viu longe

É versão por hipótese demonstrada com as defesas que construiu. Se elas não funcionaram por não terem sido ativadas: a história explica mui superficialmente. Há informe de fonte segura que melhor seria que o espanhol entrasse e pelo sertão entrasse. Em certa banda do atual Rio Grande do Sul encontraria o poder português como não imaginaria. Os que fazem História responsavelmente, um dia operarão o reparar o que até agora foi divulgado: **Não resistir?** – Foi ou não uma versão estratégica? – O brigadeiro antes bem antes de muitos interpretou que a geografia catarina favorecia o invadi-la quisesse este, aquele ou aquele outro. - Então o nela ficar e criar raízes... Foi estimado no esperar acontecer.



E entender assim não é apenas conjeturar... Avalie-se se o invasor espanhol de 1777 que de ocupação não completou

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dois anos: tudo que gastou em navegar armado, desembarcar e ocupar não resultou positivamente. Quem superintendeu à invasão comandada por Dom Pedro de Cevallos Cortez y Calderon? Colheu frutos de que natureza?

Nenhuma pergunta assemelhada sobre comandar fracassos existe na relação das missões onde brigadeiro José da Silva Paes é o comandante executor. Neste raciocínio lastreado e portanto biografado sobre ele colhe-se o entendê-lo: conseqüente preparador da herança territorial que Portugal legou. E tem 500 anos como a **unidade territorial** com a área de superfície inteiriça nos 8 547 404 km^2, e com detalhe de comunicação no português misturado no caldeirão do abrasileiramento.

Nesta perspectiva menos hipotética e mais dedutiva, se conhece que o brigadeiro de infantaria José da Silva Paes conheceu com olhos de profissional e patriota sem imitação, boa parte do litoral no qual engenhou sistemas defensivos, no Rio de Janeiro e na barra Santos, SP.; governou os catarinenses, os gaúchos e fluminenses, estes mais que uma vez. Altivo na militariedade; hábil na função diplomática; competente na execução de sistemas defensivos está vivo na memória onde estão os sentinelas dos domínios portugueses, por excelência pragmáticos no trazer o açorita como agricultor para ocupar a terra e ser soldado defendendo-a.

5- De alma e de ofício vinculado ao conselho ultramarino

Familiarizados com a época, na qual deu presença ativa, colheu a consagração de personalidade certa no lugar certo. Aplicador convicto do interesse português, no espaço entre o Rio de janeiro e a Colônia do Sacramento, está enquadrado na legenda ímpar que o historiador W.F. Piazza lhe deu: **"Estruturador do Brasil meridional"**. E sendo pelo que fez agigantado nos propósitos sugere a interpretação de fomentador da extensão territorial a partir da Laguna (chão onde o Brasil português findava). Assim impôs tal limitação o despótico **"Tratado das Tordesilhas"** riscando a linha com ponta cravada em "Santa Maria de Belém do Grão Pará" e em "Santo Antônio do Anjos da Laguna" (Por absurdo a até desprezível não funcionou: o lusismo desrespeitou-o). Aquele tratado conhecido como de "Madri", 1750, pôs um exagerado consumo de cautela. E se lhe fraga entendendo que tanta cautela aparentava ser síndrome de medo. Daí que tomou a decisão em enviar tropa de reforço ao poder do governador da Colônia do Sacramento, então sitiada como a Espanha impunha. Agiu substituindo o general Gomes Freire de Andrada na governança do Rio de Janeiro (Cf. GHILHERMINO CESAR, História do Rio Grande do Sul – Período

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

colonial, p. 102) tal comportamento assustou os anestesiados nas cautelas nutrientes do "**Tratado de Madri, 1750**". O susto não passou de relâmpago de discordância. - Os "espanhóis confinantes" não eriçaram o pelo, e a hispanidade maior encravada na península Ibérica não redigiu reclamo diplomático. Interprete-se que, o brigadeiro de infantaria José da Silva Paes, entendeu ser inadmissível aceitar sobre Portugal rédeas e freios. E foi com este espírito que operou a fundação do Presídio Jesus-Maria-José, no atual e altivo Rio Grande do Sul.

Admite-se e compreende-se que o estratego José da Silva Paes, viveu no Brasil português cultivando o cultuando a inabalável convicção de pura e honesta dedicação a Portugal. E tal convicção chega até nós com a herança portuguesa que herdamos; a Unidade Territorial.

Assim! Sentimo-lo merecedor das homenagens que no Brasil meridional são prestadas a sua memória: **na rua Bocaiuva, na ilha de Santa Catarina a 14º brigada de infantaria motorizada o tem como patrono.**

BIBLIOGRAFIA DE APOIO:

BOITEUX, Henrique. **Santa Catarina no Exército**, 2 vls. (1942).

CESAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul** – Período Colonial – (1970).

CORREA, Carlos Humberto. **Guia dos Governantes de Santa Catarina de 1739 a 1982** – Notas biográficas (1779).

COSTA E SILVA, Riograndino da. **Notas à Margem da História do Rio Grande do Sul** (1968).

DOMINGUES, Moacyr. **A Colônia do Sacramento e o Sul do Brasil** (1973).

JAMUNDÁ, T.C.. **A Águia da Tua Bandeira** (1988).

_____. **O Barriga-verde Versões e Versões** (1989).

PIAZZA, Walter F.. **O Brigadeiro José da Silva Paes – Estruturador do Brasil Meridional** (1988).

_____. "Capítulo V - A Criação da Capitania de Santa Catarina" in "**Santa Catarina: sua história**" (1983).

TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria do Belém do Grão Pará** (1963).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Autores Catarinenses

- **Tito Carvalho: Cronista**
- **Variadas**

Texto:

*ENÉAS ATHANÁZIO**

TITO CARVALHO, CRONISTA

Mudando de gênero, Tito Carvalho (1896/1965) muda de estilo. Saindo da ficção regionaliza para a crônica, ele se converte num clássico ou realista. Essa é, pelo menos, a impressão que me deixou a leitura de "Gente do Meu Caminho", volume póstumo editado pela Editora da UFSC e FCC Edições (Florianópolis – 1997), reunindo crônicas de autoria do escritor, publicadas na imprensa. O livro era um projeto do próprio Tito, agora realizado graças à dedicação de Helena Tornquist, organizadora da obra e autora de excelente estudo crítico que fecha o volume (p. 155 a 177).

Embora a crônica seja considerada indefinível, mais para ser sentida que explicada, os trabalhos reunidos no volume constituem verdadeiras crônicas, situados dentro daqueles padrões que as caracterizam. Digo isso porque tenho encontrado, de uns tempos para cá, diversos volumes que se dizem de crônicas mas não são. O gênero, aliás, parece andar em baixa, com dificuldade para encontrar sucessores de Paulo Mendes Campos, Henrique Pongetti, Flávio Rangel e o "hors-concours" Rubem Braga, ou parceiros para Fernando Sabino que, por sinal, parece ter abandonado o gênero, e Carlos Heitor Cony. Isso sem falar em Machado de Assis e Humberto de Campos, creio que nossos maiores cronistas de todos os tempos.

Com efeito, estas páginas de Tito Carvalho partem sempre do "eu", focalizando pequenos cortes da vida cotidiana e, portanto, efêmeros, com a curiosidade de que se volta, quase sempre para o passado, assumindo um caráter memoralista. Nelas ele evoca as escolas onde estudou, as professoras

* Escritor e advogado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que teve, os colegas de internato, a cidade natal, as figuras de seu tempo, as brincadeiras e malandragens. Certas pessoas são lembradas com simpatia (v.g.: Othon D'Eça, Ogê Manneback, Luís Galloti), outras com visível desprezo (v.g.: políticos que viviam mudando de legenda, já naquele tempo) e outras com irreprimível horror (v.g.: o célebre bugreiro Vitório Crema, assinalando na coronha da carabina os índios abatidos). Em outras passagens não consegue esconder a amargura que costuma abater tantos escritores, como praga ou maldição sobre esses seres estranhos que se arvoram em criadores. Descubro, em certos trechos, sinais inequívocos da influência de Simões Lopes Neto, de quem ele próprio se declara admirador (pg.137). E lá pingam regionalismos como guapo, arca, sinuelo, carrascal etc. não obstante, alguns críticos negarem essa influência.

Todas a crônicas, tanto na primeira parte (Gente do meu Caminho) como na Segunda (O nosso Bilhete) são agradáveis, vivas, coloridas lançando luzes sobre pessoas e fatos da época, contribuindo para que nos conheçamos melhor. Não lhes falta, em geral, boa dose de humor e ironia. Algumas poucas foge à regra e assumem um estilo encruado (págs. 112/113).

Faceta curiosa de Tito carvalho era sua capacidade de definir, descrever em duas pinceladas, captando a situação em três ou quatro palavras, arte em que o serrano em geral é hábil. Vamos a alguns exemplos, colhidos aqui e ali: "homem quase portátil", "cara redonda como prato fundo", "dentes rasos, feitos moirões espaçados de cerca", "era uma garatuja de gente, decréscimo de diminutivo", "vagos dentes plantados no meio-fio das gengivas", "acendia fogo nos meetings (comício) individuais", "onde se postava a formular libelos orais", "áspero carrascal de letras", "figura de bigode ralo", "mulata esguia como antena de automóvel", "pessoas sem encontro marcado com amor e a felicidade", "sarilho de armas entrecruzadas como ralos de piteira", "saldo de ente (que) exibia o que lhe restava da liquidação final feita pelo destino" etc.

Grande contista e jornalista, Tito Carvalho é revelado agora para os leitores como um cronista consumado, merecedor de leitura atenta e prazerosa.

VARIADAS

Anita agora é catarinense de fato e de direito. Através de decisão proferida em ação judicial própria, embasada em provas documentais e históricas, o juiz da primeira vara da comarca de laguna reconheceu, para todos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

os efeitos, que Ana Maria de Jesus Ribeiro nasceu em 30 de agosto de 1821, na cidade de Laguna (SC). A decisão foi publicada no "Diário da Justiça" (1º/02/99, págs. 40 e 41), além de outros jornais, determinando o magistrado fosse respectivo assento tomado por termo no registro civil competente. Para efeitos legais, Anita Garibaldi agora é, oficialmente, catarinense de Laguna.

O Instituto Histórico e geográfico de Santa Catarina (IHGSC) está publicando os "Anais do Simpósio Comemorativo do Cinqüentenário do 1º Congresso Catarinense e 250 anos de presença açoriana em Santa Catarina". O título quilométrico, bem ao gosto dos tempos de dentes, designa uma coletânea de artigos de autores locais e de fora sobre os temas do Simpósio e outros, discurso, comunicações, documentos e fotos. Muitos são interessantes, capazes de agradar ao público em geral, se bem que me acuda o temor de que o título do volume espante os parcos leitores. Um bom título é meio livro, repetem editores e livreiros. Espero, porém, que o livro tenha sucesso.

Graças ao meu colega Flávio J. de A. Moreira da Costa, Promotor de Justiça e autor de obras jurídicas, tive acesso a duas cópias de documentos muito interessantes. O primeiro é uma escritura pública de quitação de hipoteca, lavrada em 11 de agosto de 1917, em notas do 2º Tabelionato de Caçapava quantia de sete contos de réis, valor pelo qual este lhe havia hipotecado a Fazenda do Buquira. O segundo é uma escritura de compra e venda, lavrada no mesmo dia e no mesmo Tabelionato, através da qual Lobato transferia a Alfredo de Oliveira Leite a referida fazenda pelo preço certo e ajustado de oitenta contos de réis. Ali Lobato encerrava a fase de "agricultor", uma das mais belas de sua vida, e com o dinheiro da venda dava início a novos grandes vôos, inclusive a de criador da indústria livreira nacional. É curioso notar que uma propriedade vendida por oitenta contos (valor venal) estava hipotecada por apenas sete! As agruras dos homens da terra não são de hoje. Unindo o que doei ao Arquivo Histórico de Blumenau com que conservo comigo, Santa Catarina tem hoje um acervo documental sobre Monteiro Lobato como só São Paulo.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1999** (Tomo 40). Anexo a este cupom a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
☐ Cheque
Banco: .....
Número: .....
Valor: R$ .....

Dados do assinante:
Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Caixa Postal: _____
CEP: _____-_____ Fone p/ contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

.....
Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990
Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Benjamim Margarida *(in memoriam)*

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert *(in memoriam)*

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hering Têxtil S/A

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeireira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau

BLUMENAU em Cadernos

TOMO XL
Junho de 1999 - Nº 06

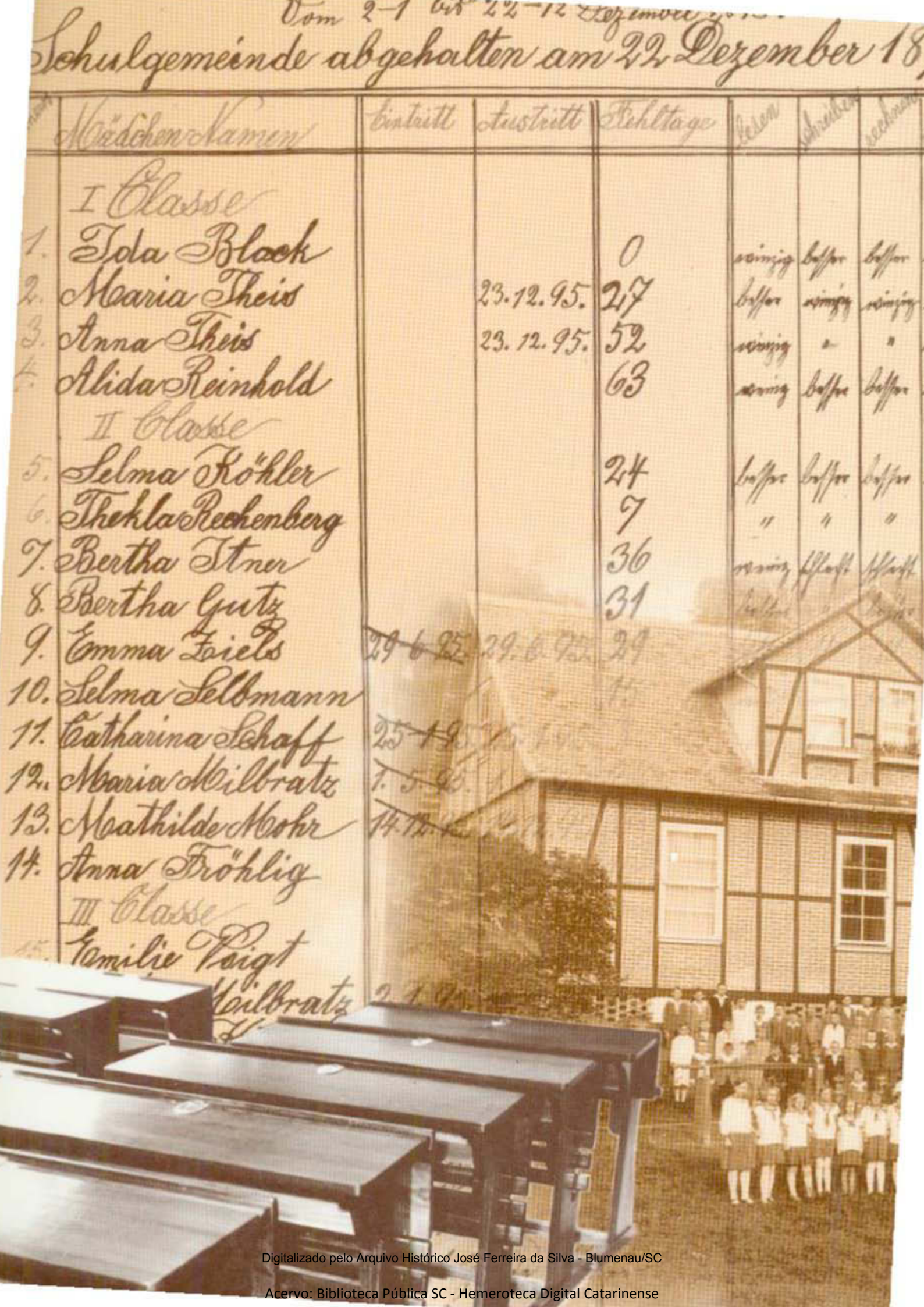
Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Vom 2-1 bis 22-12 Dezember 18[illegible]

Schulgemeinde abgehalten am 22 Dezember 18[illegible]

[illegible]	Mädchen-Namen	Eintritt	Austritt	Fehltage	lesen	schreiben	rechnen
	I Classe						
1.	Ida Black			0	winzig	besser	besser
2.	Maria Theis		23.12.95.	27	besser	winzig	winzig
3.	Anna Theis		23.12.95.	52	winzig	"	"
4.	Alida Reinhold			63	wenig	besser	besser
	II Classe						
5.	Selma Köhler			24	besser	besser	besser
6.	Thekla Rechenberg			7	"	"	"
7.	Bertha Itner			36	wenig	schlecht	schlecht
8.	Bertha Gutz			31	besser	"	besser
9.	Emma Ziels	~~29-6-95~~	29.6.95.	29	[illegible]	[illegible]	[illegible]
10.	Selma Selbmann			15			
11.	Catharina Schaff	~~25-1-95~~	[illegible]				
12.	Maria Milbratz	~~1.5.95~~	[illegible]				
13.	Mathilde Mohr	~~14.12.[illegible]~~	[illegible]				
14.	Anna Fröhlig						
	III Classe						
15.	Emilie Voigt						
	[illegible] Milbratz	2.1.95.	[illegible]				



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense